

# DE ABITAR

# CARTO

# GRAFIA

# IMAGI NADA

SESC CARMO





**REVISTA\_CARTOGRAFIA IMAGINADA**

organização e edição\_ amilton de azevedo  
 identidade visual e design\_ nando motta  
 arte\_ nando motta, eduardo pizarro  
 e nathália campos  
 dramaturgia o silêncio das coisas quietas\_ cláudia barral e  
 marcos barbosa  
 textos de\_ amilton de azevedo, anderson maurício, cláudia  
 barral, cleide amorim, eduardo pizarro, gregory slivar, junior  
 docini, marcos barbosa, maria rosa, nathália campos, priscila  
 reis, tatiane lustoza e tatiana nunes

**RE'ABITAR\_LABORATÓRIO TEATRO EM NUVEM**

artistas-pesquisadores \_ anderson maurício, cleide amorim,  
 junior docini, maria rosa,  
 priscila reis, tatiane lustoza e tatiana nunes  
 direção \_ anderson maurício  
 dramaturgia \_ cláudia barral e marcos barbosa  
 crítico e editor\_ amilton de azevedo  
 videoartista\_ leonardo souza  
 direção sonora e provocador convidado \_ gregory slivar  
 direção de arte e provocadora convidada \_ nathália campos  
 provocador convidado \_ eduardo pizarro  
 iluminação \_ tomate saraiva  
 produção geral \_ tatiane lustoza  
 assistente de produção\_ amanda azevedo e jonathan arajúo  
 concepção e produção\_ zózima trupe  
 realização\_ sesc são paulo

**SESC\_SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**

Administração Regional no Estado de São Paulo

**presidente do conselho regional**

abram szajman

**diretor do departamento regional**

danilo santos de miranda

**superintendentes**

técnico-social\_ joel naimayer padula, comunicação social\_  
 ivan giannini, administração\_ luiz deoclécio massaro galina,  
 assessoria técnica e de planejamento\_ sérgio josé battistelli

**gerentes**

ação cultural\_ rosana paulo da cunha, estudos e desenvolvi-  
 mento\_ marta raquel colabone artes gráficas\_ hélcio maga-  
 lhães sesc carmo\_ simone engrbruch avancini silva

**equipe sesc**

\_andréa oliveira, bárbara carneiro, daniel douek, demétrio  
 de almeida leite, dóris larizzatti, fagner coelho, ilona hertel,  
 karina musumeci, kelly adriano de oliveira, roselle francine  
 machado, sandra leibovici, tatiana lazarini fonseca.



# teatro em nuvem

Como pensar e fazer teatro quando se torna necessário suprimir um predicado tão inerente às artes da cena quanto a presença? Entre os muitos desafios impostos pelo contexto de pandemia e de isolamento social, a investigação sobre maneiras distintas de produção e fruição fez emergir, com maior intensidade, questionamentos que já circundavam a linguagem: é possível criar virtualmente? Como elaborar uma obra que faça sentido no campo da dramaturgia e, ao mesmo tempo, nos meios digitais?

Dessas inquietações surgiu o projeto Laboratório Teatro em Nuvem, no qual companhias são convidadas a habitar temporariamente um ambiente virtual aberto ao público, e a buscar, no caráter colaborativo das redes e na interação com o espectador, um impulso à criação artística.

Re'abitar, proposta apresentada pela Zózima Trupe nesta primeira edição do Laboratório, aproximou artistas e público ao longo de cinco semanas, utilizando como ferramentas o diálogo com pesquisadores, leituras, ensaios via webconferência e experimentos cênicos. Nesse processo, a dramaturgia de Cláudia Barral e Marcos Barbosa é levada pelo grupo a um passeio pelas possibilidades de trocas com imagens, áudios, textos e vídeos em plataformas diversas.

Garantir espaços para a pesquisa de modos do fazer teatral tem sido, há décadas, parte da ação do Sesc, que se soma à realização de encenações, discussões conceituais e publicações sobre a temática. A proposta de criação compartilhada do projeto, por sua vez, se alinha ao caráter educativo da instituição, oferecendo ao espectador a oportunidade de acompanhar, de dentro, a gestação de uma obra. Tornar visível esse percurso é importante na medida em que estimula a compreensão da arte como resultado de estudos, provocações, debates, incertezas e exposição aos diferentes riscos que atravessam e inspiram o processo criativo.

A ampliação dos contatos mediados pelas telas, viabilizados pela expansão da internet e pela profusão dos dispositivos eletrônicos, radicalizou o embaralhamento da relação entre quem consome e quem produz, entre quem vê e quem é visto. Neste voo nas nuvens, para o qual cada um decola de sua própria residência, faz-se possível alguma forma de encontro e, ainda que virtualmente, de presença. Faz-se possível, afinal, o teatro reinventado.

**Sesc São Paulo**



# SUMÁRIO

- 03\_ teatro em nuvem \_sesc carmo
- 06\_ dar corpo a um itinerário imaginário \_amilton de azevedo
- 13\_ percursos de resignificação urbana \_nathália campos
- 16\_ arte sonora e práticas performativas \_gregory slivar
- 21\_ arquitetura do invisível \_eduardo pizarro
- 29\_ o caminho das coisas quietas \_cláudia barral + marcos barbosa
- 34\_ o silêncio das coisas quietas \_BAR \_dramaturgia
- 38\_ o bar e as portas abertas do desejo \_priscila reis
- 42\_ o silêncio das coisas quietas \_TEMPLO \_dramaturgia
- 46\_ do tempo para o templo \_tatiana nunes
- 50\_ o silêncio das coisas quietas \_TEATRO \_dramaturgia
- 54\_ re'abitar corpos, mentes, tecnologias: re'abitar o teatro! \_cleide amorim
- 58\_ o silêncio das coisas quietas \_PARQUE \_dramaturgia
- 62\_ a solidão do parque que não pertence \_junior docini
- 66\_ o silêncio das coisas quietas \_RUA \_dramaturgia
- 70\_ sobre as inseguranças e a energia das ruas \_tatiane lustoza
- 74\_ o silêncio das coisas quietas \_RIO \_dramaturgia
- 78\_ as sensações de um rio que corre dentro \_maria rosa
- 82\_ o silêncio das coisas quietas \_MIRANTE \_dramaturgia
- 86\_ do mirante, ver além de enxergar \_anderson maurício
- 88\_ o ônibus nunca parou \_anderson maurício + amilton de azevedo



**\_Re'abitar\_ Zózima Trupe**  
**o projeto inaugurou o**  
**Laboratório Teatro em**  
**Nuvem do Sesc Carmo,**  
**englobando uma série de**  
**ações online em diversas**  
**plataformas digitais de**  
**24 de agosto à 30 de**  
**setembro de 2020**





# \_dar corpo a um itinerário intangível

por amilton de azevedo

Há mais de uma década na pesquisa do ônibus urbano como espaço cênico, a Zózima Trupe trabalha na busca de um teatro do encontro sem fronteiras. No seu veículo próprio, não há catraca. No embarque de veículos de linha, pessoas, personagens, histórias. O não-lugar, lugar de trânsito, tornado pouso para a poesia. Não foi e não é fácil. Fazer teatro no Brasil é um desafio, principalmente para aquelas e aqueles que caminham na labuta diária como trabalhadores da cultura, artistas artesãos de seus afetos, longe dos holofotes e dos circuitos comerciais.

Os anos vão passando e as dificuldades parecem se acumular. Muito pouco é feito em questão de políticas públicas para as artes. Na cidade de São Paulo, conquistas históricas da categoria sofrem constantes baques. O chamado *teatro de grupo*, cuja produção e pesquisa contínua são sem dúvidas patrimônio cultural do município, se vê sufocado. Enquanto as companhias lutam pelos poucos editais em busca de viabilizar sua criação e até mesmo sua existência, estão sendo despejados pela especulação imobiliária que avança sobre as sedes - que, ironicamente, muitas vezes são a própria razão da valorização do entorno.

Os parágrafos acima podem soar como uma escolha triste para o início desta *cartografia imaginada* do projeto *Re'abitar*. Mas trata-se de uma contextualização necessária. E também uma lembrança de que são tempos tristes. Pois desde antes da pandemia tomar de assalto o nosso país, o teatro por aqui já não estava saudável. As obras, sim: criativas, potentes, provocativas, belas, divertidas. Mas aos artistas e técnicos restava desdobrar-se em diversas funções, ocupações, bicos, para poderem seguir criando.

Então, em março, o Coronavirus fecha todos os espaços culturais da cidade. Do estado. Do país. Há muito o que se pensar sobre a gestão da pandemia no Brasil, mas não é este o ponto aqui. Fato é que foi retirado de nós o elemento talvez central para o teatro: o encontro. A presença. A aglomeração nos *foyers* e plateias. E nos palcos.

No mesmo mês, artistas começam a experimentar outras possibilidades de estar perto. No dia mundial do teatro, 27 de março, Ivam Cabral, fundador da companhia paulistana Os Satyros, decide levar para uma *live* no Instagram seu monólogo *Todos os Sonhos do Mundo* - a primeira *temporada virtual* deste nosso contexto. Aos poucos, outros grupos começam a tatear as plataformas digitais. Emergem, então, novos possíveis para este momento delicado.

Em abril, os cariocas do Teatro do Caminho estreiam *O Filho do Presidente*, uma pioneira do formato que vem sendo chamado de teatro digital, na plataforma de videoconferências Zoom. Maio marca o início do Teatro #EmCasaComSesc, a estreia do espetáculo *Pandas ou era uma vez em Frankfurt* (provavelmente o primeiro a contar com mais de um ator *em cena*) e o experimento sensorial *Tudo que coube numa VHS* dos pernambucanos do Magiluth, que conduziam individualmente os participantes por diversas plataformas e redes sociais.

Em menos de três meses de isolamento, já se verificava uma efervescência de desejos, anseios e tentativas; uma busca por manter acesa a chama do teatro mesmo que virtual. Houve até um debate - que ainda permanece à espreita - em torno do conceito: será que é teatro? Ou não é? O fato é que grupos teatrais estão em movimento,

experimentando novas linguagens, interfaces e plataformas para a criação.

Agora já estamos em setembro de 2020. Metade de um ano dentro destas circunstâncias. Por iniciativas do poder público, teatros e instituições, a criação de obras a serem transmitidas ao vivo começou a ser fomentada de forma mais ampla - infelizmente, nunca o suficiente. Diversos grupos, entre veteranos e iniciantes, espalhados por todo o território nacional, se lançaram nessas empreitadas.

O formato, de certo modo, democratizou a criação: há menos investimentos necessários para colocar uma obra em cartaz. Por outro lado, a nossa realidade também precariza o trabalho dos profissionais envolvidos - é sempre bom lembrar que, para além dos atores e atrizes que aparecem diante das câmeras, há muita gente envolvida. Entre a urgência do ímpeto criativo e a necessidade de trabalhar, artistas de teatro seguem construindo seus caminhos no caminhar.

Então, chegamos aqui, no *Re'abitar*. Como se faz este caminho no caminhar? Quais são as etapas, os passos, de um processo criativo? A Zózima Trupe inaugura o Laboratório Teatro em Nuvem do Sesc Carmo na busca de descobrir coletivamente esta trilha digital. Um processo de criação compartilhado. Sete artistas-pesquisadores, três provocadores, dois dramaturgos e uma miríade de espectadores-participantes ao longo de uma série de ações espalhadas por pouco mais de um mês compõem o mosaico-cartografia do *Silêncio das coisas quietas*.

Como se propõe a criar virtualmente? foi a pergunta que mobilizou a conversa inaugural do projeto. Na *live* realizada no Instagram do Sesc Carmo, Anderson Mauricio, diretor da Trupe, conduziu os diálogos. Participei contextualizando o lugar do teatro neste momento histórico, enquanto alguns dos artistas da Zózima compartilharam como estava sendo aquele início de experiência com a proposta e as personagens.

Poucos dias depois, os encontros-provocações. No primeiro, *Percursos de ressignificação urbana*, Nathália Campos nos levou para passear. Se nas telas que emolduram nossa experiência durante a pandemia habitamos um mundo, em sua curadoria de imagens urbanas emerge

diante de nós o tanto que existe em um só canto. Uma provocação cujos rastros são interrogações; nos trajetos pelas coisas-quietas-personagens, o que de rio há num parque; o que de mirante há em uma rua? Se um espaço fosse uma pessoa, como ele seria?

No encontro seguinte, *Arte sonora e práticas performativas*, Gregory Slivar conversa com John Cage sobre o som das coisas quietas. Sobre a inexistência do silêncio, sobre transformar espaços em lugares. Das possibilidades de ouvir músicas invisíveis; de redescobrir o espaço por seus sons. Espaços que talvez não falem, mas sem dúvida ressoam.

Já Eduardo Pizarro conduz nosso olhar pela *Arquitetura do invisível*. Ali percebemos que uma cidade é um objeto, feito por uma ou muitas pessoas, e que talvez a criação humana não consiga fugir da natureza. Relevos e rios; avenidas e ruas. Na sobreposição do que já havia e do que se constrói, emerge esse invisível. Da compreensão de que muitos dos espaços-personagens são pautados pelas pessoas, reitera-se a possibilidade de imaginá-los.

Então, entramos no *Silêncio das coisas quietas*, com leituras dramáticas acompanhadas de bate-papos. A dramaturgia de Cláudia Barral e Marcos Barbosa versa sobre impossibilidades. Perguntar aos espaços *como está sendo lidar com o vazio?* e perceber que alguns lugares estão dentro de nós. Neste momento, o texto ganha vida - e novas ideias, na troca aberta com o público participante: que bonita, essa abertura. Que riqueza há no compartilhamento da feitura de uma obra!

Na sequência, dentro da proposta deste processo em nuvem, artistas da Zózima Trupe realizam ensaios-aberturas. Uma parte importante do movimento de gestação - como nomeou Anderson Mauricio - de uma nova obra. O diretor da Trupe falou com o público sobre o trânsito entre passado, presente e futuro na criação: a dinâmica que se estabelece entre referências anteriores, os riscos do agora e as incertezas do porvir. O passo seguinte foi o desenvolvimento e a apresentação de experimentos artísticos, nos quais o diálogo com as etapas anteriores foi, de diferentes modos, nítido.

Sinteticamente, esta foi a trajetória do *Re'abitar*. Mas a sua dimensão não cabe nestes poucos parágrafos de

introdução - pois talvez nem mesmo caiba no espaço de um mês. Foram enormes distâncias percorridas no imaginário. Periferias da metrópole, o Terminal Parque Dom Pedro II, longos trajetos cidade adentro e agora a sala virtual do Sesc Carmo no Microsoft Teams: a Zózima e seus integrantes estão acostumados ao deslocamento como potência criativa. Mas o tipo e o tempo deste deslocamento é outro.

Não mais a proximidade do ônibus e a lentidão do trânsito na cidade cinza. Agora, a velocidade é a das redes e entre o olho no olho há uma câmera e uma tela. Criar virtualmente em si já apresenta seus desafios particulares. O que a Zózima Trupe realiza dentro do Laboratório Teatro em Nuvem carrega consigo um passo além. Não apenas criar, mas compartilhar a criação - o que se torna, em certa medida, um criar junto.

Enquanto desenvolviam o bellissimo espetáculo *Os minutos que se vão com o tempo*, os artistas-pesquisadores da Zózima ensaiavam em ônibus de linhas regulares do transporte público de São Paulo. Os passageiros-trabalhadores que dividiam com a Trupe aquele espaço fizeram parte, de algum modo, de uma etapa do processo de criação da obra.

Para o *Re'abitar*, uma porosidade ainda maior. É como se, subvertendo a impossibilidade de estar fisicamente perto, a Zózima convoque pessoas interessadas a se avizinhar no imaginário. A embarcar nessa trajetória virtual enquanto ela própria se estabelece. Escutar as provocações, perceber os riscos, compartilhar as descobertas; os sucessos e os fracassos.

Um espetáculo pronto é o ponto final de um itinerário cujo início se deu há muito tempo. Em algum momento, ele existiu enquanto ideia. Então, começou seu caminho: o ônibus dá a partida no terminal. Durante o movimento de pesquisa, encontrou suas paradas; pessoas embarcaram, outras desceram do veículo-processo. Traçou no espaço-tempo a sua rota, ainda que intangível. A obra é a somatória de todas as camadas desveladas no trajeto desbravado pela criação, mesmo que muitas tenham desembarcado ao longo de suas curvas e avenidas.

Um itinerário intangível. A publicação *cartografia imaginada* é a tentativa de marcar na nuvem os rastros; ma-

pear virtualmente o que foi este breve e potente projeto. Registrar em palavras o dito e o não dito. Evocar imagens que reverberam o que foi, o que poderia ter sido e o que pode vir a ser. Refletir, analítica e poeticamente, sobre como é *re'abitar* este momento histórico artisticamente.

O que se apresentam aqui são alguns dos mapas possíveis do *Silêncio das coisas quietas*. Além da dramaturgia na íntegra, os autores Marcos Barbosa e Cláudia Barral versam sobre os caminhos que levaram até nossos sete personagens-espacos. Os três provocadores convidados - Nathália Campos, Gregory Slivar e Eduardo Pizarro - contribuem com seus saberes e pensares em torno da temática do projeto.

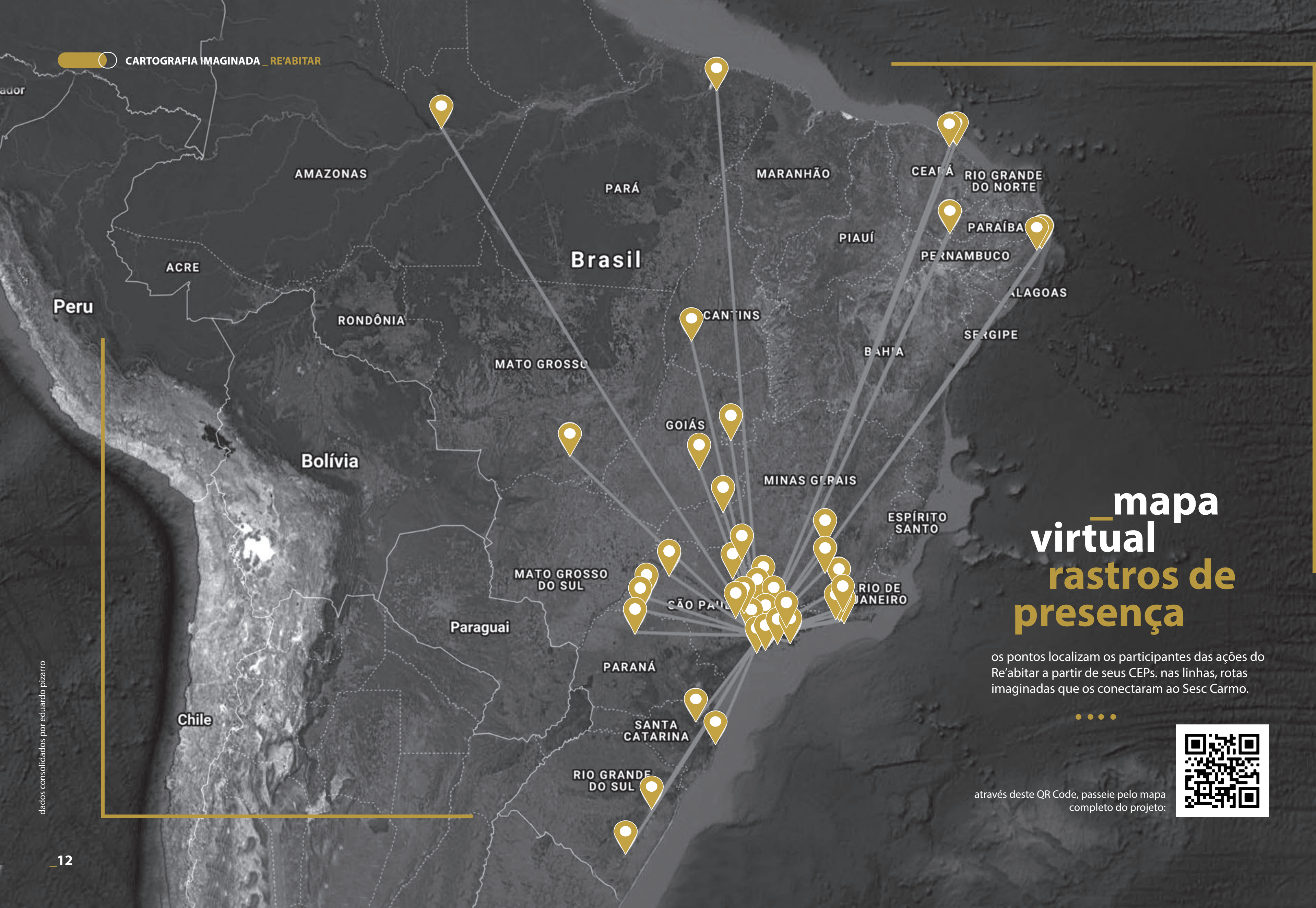
No formato de relatos livres, integrantes da Zózima Trupe (Anderson Mauricio, Cleide Amorim, Junior Docini, Maria Rosa, Priscila Reis, Tatiana Nunes Muniz e Tatiane Lustoza) falam sobre essa experiência inédita. Por fim, assino ao lado de Anderson Mauricio uma reflexão sobre o fluxo da vida nestes tempos pandêmicos. Tudo isso envolto pela identidade visual de Nando Motta e as tantas criações e referências que permearam o projeto.

Essa *cartografia imaginada* acha bonito olhar para o mapa virtual do *Re'abitar* (proposto e executado por Eduardo Pizarro). Todas as pessoas que participaram das ações foram convidadas a compartilhar seus CEPs com a Zózima Trupe. No resultado, um alargamento do que significa estar junto.

Esse itinerário intangível seria impossível de outro modo: Pelotas, Belém, Recife, Manaus, Rondonópolis, Porto Alegre, Formoso do Araguaia, Mauriti, Piracicaba; tão longe, mas tão perto. Encerro essa introdução com a esperança de que as vozes do Bar, do Templo, do Rio, da Rua, do Mirante, do Parque e do Teatro ecoem suas humanidades por todo o país.

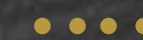
Agora que este ônibus em nuvem já estabeleceu seu itinerário, podemos, de algum modo, revisita-lo: bom trajeto!





# \_mapa virtual rastros de presença

os pontos localizam os participantes das ações do Re'abitar a partir de seus CEPs. nas linhas, rotas imaginadas que os conectaram ao Sesc Carmo.



através deste QR Code, passeie pelo mapa completo do projeto:

# REGIS TROS PRO VOCA ÇÕES

## \_percursos de ressignificação urbana

por nathália campos

O encontro-provocação propôs um aprofundamento na questão da imagem urbana como uma dramaturgia paralela a criação. Um percurso guiado por provocações imagéticas para que nós, como artistas, possamos analisar os espaços da cidade pelo viés da humanização, compreendendo-os por sua fluidez e efemeridade.

É inegável que estamos em um momento de transição. O isolamento social nos reposicionou, em muitos aspectos, de atores para espectadores da vida urbana. Vivemos, mais do que nunca, em um mundo de imagens onde fomos reduzidos a observar através de molduras, entre a imobilidade da vista da janela e os perigosos enquadramentos midiáticos.

Pensando nesse contexto, a ideia foi de ressignificar e de se reconhecer no trajeto. Com inspiração na figura do *flâneur* de Baudelaire, um caminhante observador, praticamos o exercício do primeiro olhar. O que de nós há na cidade e que marcas a cidade deixa em nós? Uma atividade reflexiva (ou quase biográfica) que revela São Paulo em suas polifonias, uma cidade composta pelo discurso de inúmeras vozes, etnias, culturas, dicotomias, signos e ocupações. Uma cidade global produzida e reproduzida pelo olhar de cada um de seus habitantes.

Por mais que o vazio condicionado pelo isolamento social tenha grande impacto visual e sinestésico na paisagem urbana, constatamos que a cidade ainda fala e nos marca, assim como a marcamos em cada trajeto escolhido. Esses percursos geram mapas invisíveis, porém palpáveis no espaço concreto, se desdobrando em fluxos determinados pelo poder de atração e repulsão nos espaços.

Temos as cercas elétricas, os gradis, as grandes empenas cegas e os pedregulhos *antimendigo* instalados abaixo de viadutos que nos gritam *afaste-se!* em tom de ameaça. Por outro lado, constatamos a presença de espaços acolhedores que são ao mesmo tempo democráticos e abertos a abrigar a diversidade e permeável às apropriações por seus indivíduos, tal qual uma avó que te pede pra ficar um pouco mais quando é chegada a hora da partida.

O processo de comunicação da forma urbana pode ser entendido por duas vias: a emotiva e a racional. Um exemplo: preferir andar por uma rua e não por outra pode ser determinado racionalmente pelo espaço concreto - a facilidade de acesso para pedestres, ausência de barreiras físicas ou declividades. Mas também pode ser uma escolha realizada em um processo emotivo, relacionado às vivências e memórias que compõem o imaginário de cada indivíduo sobre aquele lugar.

Dentro disso, algo a ser levado em consideração são as metamorfoses constantes que influenciam nossa apreensão dos espaços na cidade. Fatores como o clima nas diferentes estações do ano ou horários do dia, os espaços físicos nas novas construções, demolições, texturas, cores e pichações e as ocupações humanas como eventos e manifestações.

Ao analisar a Avenida Paulista - um ícone de rua em São Paulo - sob essa ótica, percebemos suas diversas alterações no decorrer do tempo. O declínio do verde nas calçadas, a cada vez mais escassa insolação perante a verticalidade dos edifícios, as inúmeras manifestações que ali ocorreram e que se desdobraram em novas formas de apropriação - como a presença



se um espaço fosse uma pessoa, como ele seria? o que procuramos, o que vemos e quem somos nos diferentes espaços da cidade? quem somos na cidade? nós somos a cidade? será que todo espaço vazio está preenchido pelos múltiplos desejos do que ele pode vir a ser?

fragmento por amilton de azevedo

da ciclovia e da abertura para pedestres aos finais de semana. A cada momento temos a oportunidade de perceber uma Paulista diferente: do símbolo de poder econômico à avenida-vitrine; a **rua** como lugar de ver e ser visto.

Nessa relação com o olhar, entramos na figura do **mirante**, do voyeur, da visão de topo, holística, que busca abranger toda a realidade presente. O espaço que não precisa ser projetado para ser: o mirante-escada, a laje das favelas, as antenas de comunicação e as passarelas que cruzam os rios e a memória daquilo que já não é. Os **rios** como veias impedidas de fazer fruir através da retificação; os inúmeros e invisíveis rios cuja fertilidade escorre e se contamina em bueiros, mas que enchem as cidades demonstrando sua fúria.

O rio-batismo e entidade, o rio-útero que gera todas as criaturas a serem paridas por Gaia, a deusa Mãe Natureza que se manifesta nos respiros de concreto, nos **parques** urbanos. O verde do parque como resistência nas fachadas verticais, nas raízes que levantam as calçadas, nos ramos que buscam o céu, no espiritual como **templo**. O templo como manifestação histórica, como formação urbana, onde o sagrado e o profano se encontram, das confissões segredadas tanto pelo pastor quanto pelo dono do **bar**. O bar da mesa enferrujada, sinuca, jukebox, da luz neon e do fetiche; bar como encontro e verdade, palco da vida como o **teatro**. O teatro das alegorias e das odisseias, da plateia e do descortinar desconfortos; o teatro-sambódromo Oficina, o Teatro de Contêiner, o teatro-ônibus e o teatro de rua. O teatro no desvelar das infindáveis facetas de uma cidade em constante mutação.

# arte sonora e práticas performativas

por gregory slivar

Quando fui convidado pela Zózima Trupe para estar neste projeto, que envolve um olhar para a cidade e sobretudo para os espaços que a constituem, de imediato pensei que a melhor forma de abordar este tema seria através da discussão de uma prática artística que leva em conta o lugar em que ela está inserida. Assim, para lançar provocações em relação à música e à sonoridade, fiz a proposição de falar sobre **arte sonora**.

O termo começa a surgir em meados dos anos 1970, quando alguns artistas começam a experimentar a interseção entre diversas linguagens. No mesmo ambiente em que as artes da performance começam a tomar forma, a arte sonora se estabelece na fronteira entre a música, as artes visuais e a arquitetura. Como define a artista e pesquisadora Lilian Campesato em sua dissertação de mestrado *Arte Sonora: Uma metamorfose das musas*:

*“Por **arte sonora** entendemos a reunião de manifestações artísticas que estão na fronteira entre música e outras artes, nas quais o som é material de referência dentro de um conceito expandido de composição, gerando um processo de hibridização entre som, imagem, espaço e tempo. Entre outras questões, a concepção estética desse repertório vai ao encontro da reflexão e inclusão de elementos não usados regularmente na criação musical tradicional, tais como a espacialidade, a visualidade, a performance e a plasticidade.”*

E de que forma a arte sonora poderia se relacionar com artistas que, neste momento de pandemia, se propõem a criar virtualmente, como a Zózima Trupe? Penso que, justamente pela abrangência destas manifestações artísticas, diversos caminhos possam ser apontados e formulados: uso de instrumentos e objetos de cena, instalações sonoras ou até mesmo o aprofundamento em recursos de desenho sonoro (*sound design*). Contudo, podemos ser mais objetivos pensando em como a interseção com o espaço e com os contextos sociais podem influenciar nas materialidades sonoras transmitidas pela internet.

Tomemos como exemplo os trabalhos da artista sonora canadense Janet Cardiff. Além de trabalhar com instalações sonoras ([uma delas inclusive pode ser conferida em Inhotim](#)), a artista também concentra sua pesquisa nos chamados *soundwalks* - caminhadas sonoras (que comumente conhecemos por áudio-tours). A utilização do recurso da gravação binaural gera no público a sensação de estar no mesmo local em que o áudio foi gravado. Nos textos, narrativas relacionadas às memórias dos lugares. Dando um passo além, a artista começa a criar os video walks. Nestes trabalhos o espectador anda pela cidade guiado pelos sons e acompanhando imagens pelo celular. É o caso de [“Night Walk for Edinburgh”](#).

Outra artista que trabalha com caminhadas sonoras é a alemã Christina Kubisch. Ela utiliza a amplificação do som de campos eletromagnéticos, presentes em todos os dispositivos eletrônicos, como matéria-

-prima de seu trabalho. Munidos de fones que captam esses sinais e os amplificam para ondas audíveis, em [Electrical walks Oslo](#) os espectadores andam pela cidade descobrindo os sons ocultos que nos passam despercebidos diariamente, mas sempre estão lá.

Cito estas duas artistas por perceber que ambas tentam relacionar seus trabalhos sonoros com a complexidade do espaço urbano, tentando não apenas levar em conta o som que nestes espaços existem, mas também lhes conferir uma certa voz; ou uma camada

poética, um sentimento de memória - mesmo que recém adquirida. Além disso, apesar de serem trabalhos pensados para a execução em espaços públicos, nada impede que o resultado sonoro (e visual) possa ser apreciado em outro local, realizando assim uma espécie de deslocamento físico e poético: podemos visitar outros lugares por meio da imersão sonora.

Neste ponto vejo algo muito potente na dramaturgia que está sendo construída durante este processo, onde os espaços passam a ganhar voz. O *silêncio das coisas quietas* na verdade não é de todo silencioso; talvez precisemos saber a maneira de escutá-los. Como diz um famoso exercício de pensamento filosófico: *“Se uma árvore cai na floresta e não há ninguém para escutar, ela fará som?”*.

John Cage, um dos pioneiros da hoje chamada arte sonora, compartilhou sua experiência de adentrar uma câmara anecóica (lugar sem qualquer reverberação sonora, gerando quase silêncio absoluto) em seu livro *Silence*:

*“Sempre há algo para ver, algo para ouvir. Na verdade, por mais que tentemos fazer silêncio, não conseguiremos. Certa vez, há vários anos atrás, entrei em uma câmara anecóica na Universidade de Harvard e ouvi dois sons, um agudo e um grave. Quando os descrevi ao engenheiro responsável, ele me informou que o alto era o meu sistema nervoso em funcionamento e o baixo o meu sangue em circulação. Até eu morrer, haverá sons. E eles continuarão me seguindo até minha morte.”*

Por fim, eu gostaria de compartilhar com vocês algo que venho refletindo, neste período de pandemia e isolamento, a respeito da presença; de nossos laços, conexões e o tempo. Algumas semanas atrás, para abrandar uma série de insônias, comecei a fazer *lives* de improvisações sonoras durante a madrugada no Instagram (muitas vezes apenas uma ou duas pessoas assistiam). Isso foi uma experiência positiva para mim. Pude refletir sobre o porquê de, neste momento,

**antes do discurso, o som. quando do silêncio do mundo, ainda ouvimos o agudo da mente e o grave do coração. intencionamos e inventamos o silêncio, uma ausência que só se encontra na morte. a vida é o que vincula as artes sonoras às práticas performativas. a reclusão imposta pela pandemia deixou as ruas mais vazias e a escuta mais atenta. é possível re'abitar um espaço auscultando-o com todo o corpo?**

fragmento por amilton de azevedo

ter vindo à tona o fenômeno das *lives*, sobre as razões pelas quais nos engajamos mais em assistir, on-line, algo ao vivo do que talvez faríamos em relação a um conteúdo gravado.

Talvez seja pelo fato de que não podemos estar presentes no mesmo espaço, mas podemos estar co-mungando de um mesmo tempo - e esta também se configura como uma conexão poderosa. Temos a necessidade de nos tocarmos, mesmo que seja em apenas uma dessas dimensões.

A partir disso, gostaria de propor para o leitor uma experiência:

Existem, espalhadas em locais públicos pelo mundo, inúmeras câmeras de *streaming*, com a finalidade de segurança ou monitoramento, disponíveis on-line 24 horas por dia para quem desejar ver. Na enorme maioria das vezes elas não oferecem nenhuma visão espetacular, mas elas justamente me causam um certo fascínio por estar vendo aqueles locais distantes



# “antes do discurso, o som.”



neste presente momento. Certas vezes gosto de assisti-las ouvindo alguma música, para assim lhes conferir algum outro significado subjetivo, criar uma memória inexistente, enfim, criar um deslocamento entre o que um local é e o que ele poderia ser.

Selecionei algumas destas câmeras, relacionadas de algum modo às personagens do *Silêncio das coisas quietas*, e deixo aqui os links como convites à contemplação. Também deixo o link de algumas das improvisações que fiz durante as madrugadas. Em algum lugar, em algum tempo, onde e quando escutarem, nos encontramos!

▶ **Improvisos sonoros:**  
<https://soundcloud.com/gregory-slivar/sets/o-turno-do-ocaso>

## Câmeras de Stream:

▶ **O Parque:**  
<https://www.whatsupcams.com/fr/webcams/croatie/karlovac-fr/karlovac-fr/karlovac-pavillon-de-musique/>

▶ **O Templo:**  
<https://www.skylinewebcams.com/en/webcam/brasil/sao-paulo/aparecida/basilica-of-national-shrine-of-our-lady-aperecida.html>

▶ **O Mirante:**  
<https://www.webcamtaxi.com/en/brazil/rio-grande-do-sul/porto-alegre-panorama.html>

▶ **O Rio:**  
<https://www.earthcam.com/usa/southcarolina/spartanburg/?cam=pacoletriver>

▶ **O Bar:**  
<https://www.webcamtaxi.com/en/usa/florida/green-parrot-bar-key-west.html>





## \_arquitetura do invisível

por eduardo pizarro

Não somos apenas números ou fazedores de números, muito menos daqueles números invisíveis e intangíveis para nossas realidades subjetivas. Construimos memórias, deixamos rastros, mesmo quando isolados e apartados por uma pandemia.

Nós existimos, resistimos, ocupamos e transformamos a cidade. Hoje, quem somos nós na cidade? Conscientes de quem somos, temos certeza, de fato, de quem faz a cidade? Para que? Para quem? E como?

Vale retomar o arquiteto italiano Aldo Rossi, autor de *Arquitetura da Cidade*, que aborda a cidade como um objeto feito pelo homem, objeto este composto por elementos primários/fundamentais, também relacionados a questões de memória e monumentalidade.

Isto significa que a cidade na qual vivemos é resultado de uma série de decisões e ações para transformar, ordenar e moldar o meio natural ao longo de séculos. E se olharmos, hoje, para fora de nossas janelas, podemos concluir que aquelas decisões e ações são, muitas vezes, distanciadas da consciência e da aprovação do coletivo urbano. Onde estão os picos e montes da cidade? Onde estão os rios? Uma exploração quase arqueológica das camadas e infraestruturas da cidade nos mostra como estas estabelecem entre si uma série de paralelismos e diálogos, às vezes simbióticos, às vezes predatórios.

Se hoje tomássemos, juntos, decisões e ações para a definição do futuro da cidade de São Paulo, quais seriam os elementos fundamentais em jogo? Esta pergunta configura, de fato, uma provocação coletiva ao processo teatral em curso. Pra você, a cidade é feita de que? Em comparação a um bolo, o que seria a farinha? O que seria o fermento?

Não é novidade encontrar as “pessoas” como elemento primário em destaque para a construção e ativação da cidade. Esta questão já é abordada, desde a década de 1980, por uma série de arquitetos e urbanistas ao redor do mundo através de investigações e experimentos relacionados aos conceitos de “cidade para as pessoas” (ou “people centered design”). Contudo, o que falta, ainda hoje, é conseguir aplicar tais conceitos de forma cada vez mais verdadeira, genuína e potente.

As pessoas constituem a amálgama que, por suas apropriações/subversões ou ausências (durante a pandemia), entrelaça os sete elementos arquitetônico/urbanos propostos pela dramaturgia: o teatro; o templo; o mirante; o rio; o parque; o bar; e a rua. Na análise de todos estes elementos, o que mais importa são as suas imaterialidades, suas invisibilidades; mais a sua possibilidade de escape, de intervalo, de vão, de encontro, de resistência, do que a própria estrutura material em si. Enfim, quais diálogos, brigas, fofocas e paixões estes elementos trocariam em uma chamada virtual em meio à pandemia?

O **teatro**, apesar de arquitetonicamente projetado para servir a uma única função muito clara, poderia ser apropriado de outras formas? De que forma as linhas concêntricas (em planta) e os patamares (em corte) organizam as pessoas na plateia de um teatro? Qual o seu objetivo, qual o seu significado?

Por um lado, estas linhas e patamares pretendem reforçar a igualdade de acesso, seja em relação à visão do palco, ou à recepção do som, tecendo, a priori, uma ode à democracia, fortemente representada pelos anfiteatros gregos. Por outro lado, esta mesma lógica estrutural/formal também ressalta a divisão de classes/castas e a segregação, claramente representada pelo corte do Coliseu romano.

Assim como no teatro, o “controle” (espacial e ideológico) das pessoas, por meio das fileiras e formas concêntricas, se repete no **templo**, seja no



Panteon de Roma, reconstruído por Adriano entre 118-128 d.C; na Catedral de Brasília, projetada por Oscar Niemeyer e construída entre 1959 e 1970; na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, projetada por Edgar de Oliveira Fonseca e inaugurada em 1979; na Catedral da Sé de São Paulo, projetada por Maximilian Hehl e concluída em 1967; ou no Templo de Salomão em São Paulo, projetado por Rogério Silva de Araújo e concluída em 2014.

No templo, a ênfase à altura e à elevação espiritual é dada principalmente pela estrutura da cobertura que aumenta o pé-direito e capta luz natural, seja no formato de domo com óculo; ou parabolóide; ou cônico; ou de catenárias góticas. Pelo contrário, o Templo de Salomão, apesar do pé-direito alto, apresenta um forro basicamente plano e substitui a luz natural pela artificial, ou seja, este espaço eleva ao mesmo tempo em que isola.

Em paralelo, a diferença entre cotas altimétricas configura a essência do **mirante**. De acordo com a escala, a diferença de nível pode ser de 375 metros, como é o caso do Pico do Jaraguá em relação à cota básica da cidade de São Paulo; ou de apenas 50 centímetros, imaginando-se uma pessoa que sobe em um pequeno banco.

A natureza do mirante é também fundamentalmente relacional. Só existe "em cima", se existe "embaixo", e vice-versa. Esta característica é experimentada, de forma lúdica, pelo periscópio instalado pelo artista Guto Lacaz no Shopping Light em 1994, como parte da segunda edição do Arte Cidade.

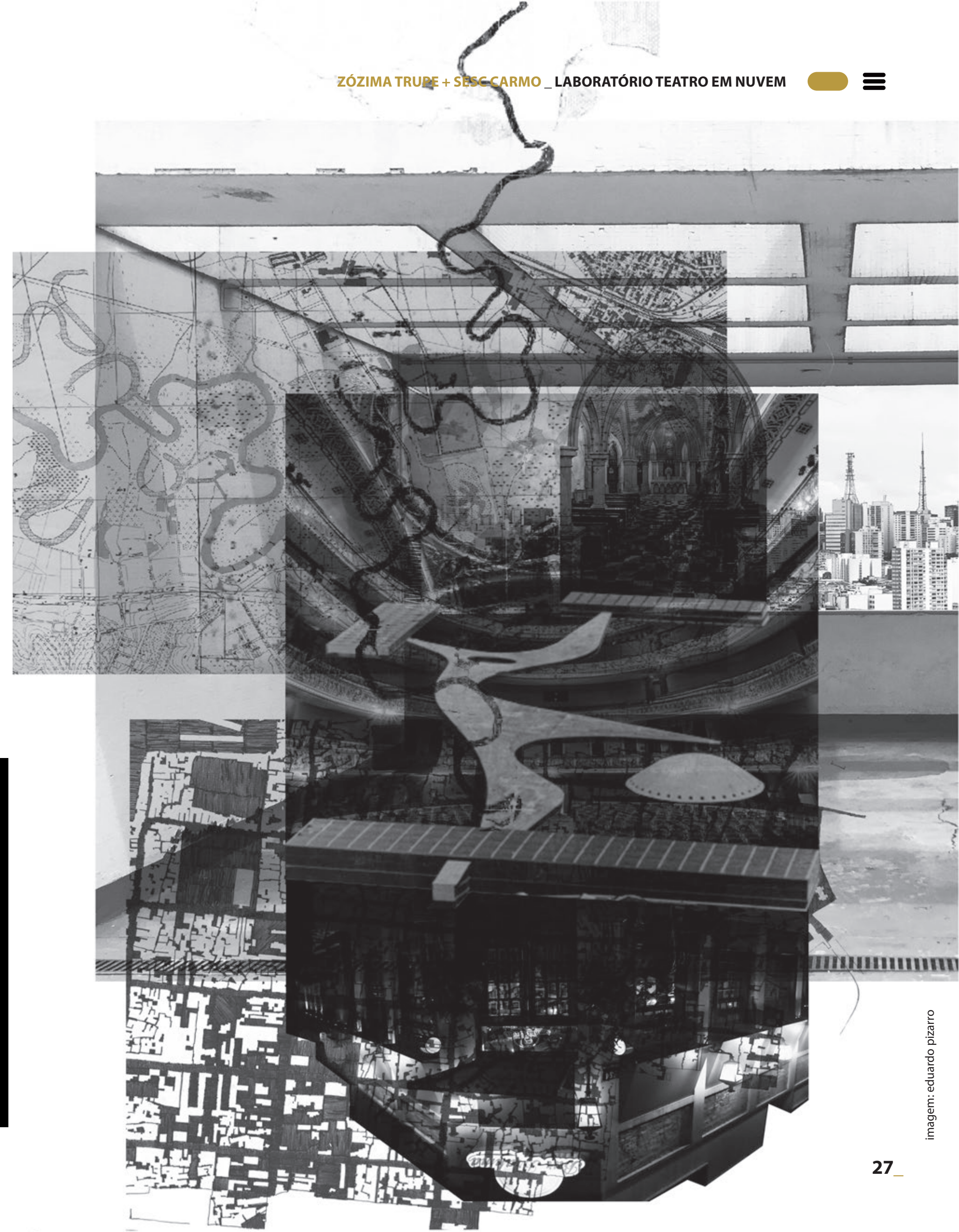
Da mesma forma, pode-se criar um mirante através do "subir", mas também do ato de "descer". Este é o caso de grandes escavações e explorações minerais como as da Serra dos Carajás, no Pará, ou de Serra Pelada, notoriamente registrada pelo fotógrafo Sebastião Salgado. Outro exemplo é o "Teatro Anatômico da Terra" da artista Camila Sposati, desenvolvido para a 3ª Bienal da Bahia em 2014, que primeiro "desce" para depois "subir".

E é em direção ao centro da Terra que encontramos a água. Ao longo da história, os **rios** desempenharam papel basilar na fundação das cidades, como "meio" para a circulação de colonizadores, desbravadores, jesuítas, mercadorias, etc. O rio, em sua configuração natural, é caracterizado pela força, pela bravura que "tanto bate até que fura", alterando o território por onde passa, continuamente.

**uma cidade é um objeto feito por uma ou muitas pessoas. e talvez a criação humana não consiga fugir da natureza. relevos e rios; avenidas e ruas. na sobreposição do que já havia e do que se constrói, emerge esse invisível. com ele,**

**o campo para invenções. da compreensão de que muitos dos espaços-personagens são pautados pelas pessoas, a possibilidade de imaginá-los. subverter suas expectativas; brincar com os ingredientes de um bolo.**

fragmento por amilton de azevedo



Apesar de sua relevância e força, os rios urbanos são alterados maciçamente pela ação antrópica: desviem o rio!; canalizem o rio!; tamponem o rio!; joguem esgoto no rio! A cidade, de costas para os rios, parece deles lembrar apenas quando, em período de chuva, os rios reivindicam, ferozmente, seus vales e várzeas. Enfim, quem cria um cão bravo é, sempre, o próprio dono.

Com menos fúria e espontaneidade que um rio natural, o **parque** é artefato criado em meio à cidade como um intervalo cuja forma e espacialidade pode ser mais monumental a la francesa; mais naturalizada a la inglesa; ou mais tropical a la Burle Marx. Qualquer que seja o estilo, o parque é resultado de um projeto e este projeto é uma forma de controle, assim como no teatro, no templo e no rio canalizado.

A contrapelo do parque projetado para ser parque, a cidade contém uma série de outros espaços cotidianos que não foram projetados para ser parque, mas são compreendidos e apropriados pelas pessoas como tal. Isto é denominado por Eugenio Queiroga como "pracialidade", em referência ao desenvolvimento de espacialidades da esfera pública em territórios não planejados para este fim.

Ou seja, o vão do MASP é um parque? Sim! O Mi-nhocão é um parque? Sim (mas algumas pessoas discordam)! Uma estação de Metrô é um parque? Não, mas pode ser! Uma esquina com padaria ou bar é um parque? Sim!

Por falar em **bar**, a relação entre suas estruturas físicas e sociais é muito semelhante à da praia, fortemente pautada por gradientes de uso e movimento. Todo bar começa com o balcão, que delimita claramente os espaços de uso restrito e público (só quem é muito amigo do garçom cruza a linha do balcão). Junto ao balcão, os bancos altos configuram o espaço para os solitários que, amparados pelo próprio balcão e em uma posição superior privilegiada, apreciam tanto os bastidores e as bebidas enfileiradas do bar quanto os grupos de pessoas que se sentam às mesas. As mesas,

isoladas ou coladas, com quatro cadeiras ou muito mais, criam pequenos templos que, errática e continuamente, colidem-se e reconfiguram-se ao longo do dia e da noite até a última saideira. O grande espetáculo, contudo, está na calçada e na rua. É para fora do bar que todos olham, desde o garçom no bar, ao solitário no balcão, até os grupos nas mesas do salão e até mesmo da calçada. É na rua que estão o movimento e o horizonte infinito do mar.

As **ruas**, assim como as artérias do corpo, ou os galhos de uma árvore (que seguem a lógica de Fibonacci), ou os rios de uma bacia hidrográfica, constituem uma rede, uma infraestrutura. O principal problema da rede de ruas em cidades produzidas pelo Desenho Urbano modernista e contemporâneo é que esta é planejada para atender às dimensões e à velocidade de veículos mecânicos, e não há fluidez, espontaneidade e dinamismo do sangue, da seiva ou da água.

A rua e o conjunto de espaços urbanos a ela atrelado deveria, assim como proposto por Gordon Cullen, proporcionar uma série de espaços diversificados e encadeados que estimulem a passagem e a apropriação pelas pessoas, em uma infinita experiência de descoberta e ressignificação espacial. De acordo com Carlos Nelson, é preciso que a estrutura física da rua possibilite um sistema de atividades, um script, vivo e intenso. Todavia, o que podemos fazer com quase 20 mil quilômetros de ruas existentes na cidade de São Paulo? Como subverter o script? A experiência da Zózima Trupe com o teatro no ônibus é, sem dúvidas, um ótimo exemplo.

De volta, enfim, à chamada virtual entre o teatro, o templo, o mirante, o rio, o parque, o bar e rua, ainda não sei sobre o que conversaram. Sei apenas que, a contrapelo da realidade, eles seguem fortes e preparam uma revolução. Aguardem.

<sup>1</sup>– **11.253.503** de habitantes (IBGE, 2010).

<sup>2</sup>– **7.398 hab/ha** (IBGE, 2010).

<sup>3</sup>– **17.200 km** de vias pavimentadas (SP OUTLOOK, 2013).

<sup>4</sup>– **5.445.562** de veículos particulares de passeio (ANTP, 2013).

<sup>5</sup>– **15.000** ônibus (SPTrans; METRÔ, 2014). Disponível em: <<http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>>. Acesso em: 16 Jul. 2014.

<sup>6</sup>– **9.700.000** passageiros/dia (SPTrans; METRÔ, 2014). Disponível em: <<http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>>. Acesso em: 16 Jul. 2014.

<sup>7</sup>– **35.000 km** de calçadas (informação verbal). Vereadora Mara Gabrilli, evento Fit Cities São Paulo, 2014.

<sup>8</sup>– **500-600 km** acessíveis (informação verbal). Vereadora Mara Gabrilli, evento Fit Cities São Paulo, 2014.

<sup>9</sup>– **93** parques públicos implantados (SVMA, 2005). Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio\\_ambiente/parques/index.php?p=49467](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/index.php?p=49467)>. Acesso em: 5 Jul. 2014.

<sup>10</sup>– **45.000.000** m<sup>2</sup> de parques públicos implantados (SVMA, 2005). Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio\\_ambiente/parques/index.php?p=49467](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/index.php?p=49467)>. Acesso em: 5 Jul. 2014.

<sup>11</sup>– **3%** do território municipal ocupado por parques públicos implantados (SVMA, 2005). Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio\\_ambiente/parques/index.php?p=49467](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/index.php?p=49467)>. Acesso em: 5 Jul. 2014.

<sup>12</sup>– **7.256** praças (por definição). (informação verbal). Dados levantados pelo laboratório QUAPÁ-SEL FAUUSP, divulgados pelo Prof. Tit. Silvio Soares Macedo em reunião sobre os novos Plano Diretor e Lei de Zoneamento, 2015.

<sup>13</sup>– **1.106** praças (efetivas). (informação verbal). Dados levantados pelo laboratório QUAPÁ-SEL FAUUSP, divulgados pelo Prof. Tit. Silvio Soares Macedo em reunião sobre

os novos Plano Diretor e Lei de Zoneamento, 2015.

<sup>14</sup>– **3.900** canteiros e rotatórias. (informação verbal). Dados levantados pelo laboratório QUAPÁ-SEL FAUUSP, divulgados pelo Prof. Tit. Silvio Soares Macedo em reunião sobre os novos Plano Diretor e Lei de Zoneamento, 2015.

<sup>15</sup>– **835** resíduos/remanescentes de parcelamentos urbanos. (informação verbal). Dados levantados pelo laboratório QUAPÁ-SEL FAUUSP, divulgados pelo Prof. Tit. Silvio Soares Macedo em reunião sobre os novos Plano Diretor e Lei de Zoneamento, 2015.

<sup>16</sup>– **362** praças ocupadas (informação verbal). Dados levantados pelo laboratório QUAPÁ-SEL FAUUSP, divulgados pelo Prof. Tit. Silvio Soares Macedo em reunião sobre os novos Plano Diretor e Lei de Zoneamento, 2015.

<sup>17</sup>– **508** praças não implantadas (informação verbal). Dados levantados pelo laboratório QUAPÁ-SEL FAUUSP, divulgados pelo Prof. Tit. Silvio Soares Macedo em reunião sobre os novos Plano Diretor e Lei de Zoneamento, 2015.

<sup>18</sup>– **4m<sup>2</sup>/hab** de área verde.

••••

# 7 EX PE RI MEN TOS

COMO  
FOI  
CRIAR  
VIRTUALMENTE?

• • • •



## o caminho das coisas quietas

por cláudia barral +  
marcos barbosa

Recebemos da Zózima Trupe um convite inusitado: dramatizar, em monólogos, a voz de espaços públicos esvaziados pela demanda de distanciamento social, em meio à pandemia de Covid-19. O inusitado, obviamente, não estava na escolha do monólogo como forma dramática nem na indicação da pandemia como pano de fundo temático para uma peça de teatro; o inusitado era a missão de conceber, num espaço, uma pessoa (personagens são uma modalidade muito especial de pessoa). Para que o projeto ganhasse alguma forma inicial, centramos nossa primeira conversa em especulações acerca do Sambódromo do Anhembi (se fosse um alguém, quem seria, do que estaria padecendo, sentiria falta do quê?). A demanda, de tão estapafúrdia, começou, ali, a ganhar contorno de um sedutor jogo de criação literária.

E, já que as personagens seriam espaços, fomos procurá-las em um mapa. Se o Sambódromo perdeu seu posto no elenco, foi porque nos pareceu instigante a ideia de identificar nossos personagens em um mapa real da imensa cidade de São Paulo, tomando como ponto central de referência as coordenadas [-23.5517296, -46.6301633] – o Sesc Carmo. Não há, no texto final, referências específicas a essa espacialidade, mas ela foi importante para o estabelecimento de uma atmosfera concreta para os monólogos e, inclusive, para a proposição de relações de proximi-

dade relacional entre nossos personagens, que agora seriam um **Mirante**, um **Parque**, um **Rio** urbano, uma **Rua**, um **Bar**, um **Templo** e um **Teatro**.

A criação compartilhada tem suas dinâmicas próprias e tínhamos pouco mais que uma lista de personagens e algumas ideias avulsas quando passamos a bola para a Zózima Trupe e para a equipe reunida no projeto. Um grupo unido por uma causa criativa é capaz de operar milagres e não custou para que um alinhavado de pontos cardeais começasse a virar rota. O interlocutor silente das personagens, por exemplo, surgiu diante da proposta de que – imóveis – os personagens se relacionassem intermediando conversas com o Ar. Os traços de cada personagem foram moldados a partir de visões que o elenco compartilhou acerca das latências de personificação de cada um dos espaços listados (vinham daí traços de ânimo, de estilo, de idiossincrasia e, sobretudo, possíveis eixos de inter-relação subjetiva). O parentesco próximo entre o **Bar** e o **Templo**, por exemplo, apareceu assim.

Um amontoado de partes mal cerzidas, entretanto, precisa de uma forte descarga elétrica para ganhar vida, como na fábula do Doutor Frankenstein. É no choque que as sobras de gente deixam de ser resquícios mortos e passam a respirar como pessoa. Neste trabalho, o choque se deu na forma de uma atribuição designada para cada personagem: o que quer que tivéssemos da **Rua**, por exemplo, precisaria agora respirar como uma garota ativista, uma militante, uma Black Bloc. Todas as referências esparsas ao **Mirante** teriam que se unir na figura de um homem que fizera do voyeurismo uma arte e cuja obra prima seria a visão da transformação de uma mulher que renasce, após superar um relacionamento abusivo (ela sendo o **Rio**). É nessa hora que o trabalho de escrita também ganha vida própria, inclusive nos levando, por vezes, através de caminhos até então impensados (não tínhamos muitas pistas para a composição do perfil do jovem melancólico que se apresenta como **Parque**, mas a personagem se ofereceu assim, à medida em que íamos construindo os contornos das demais).

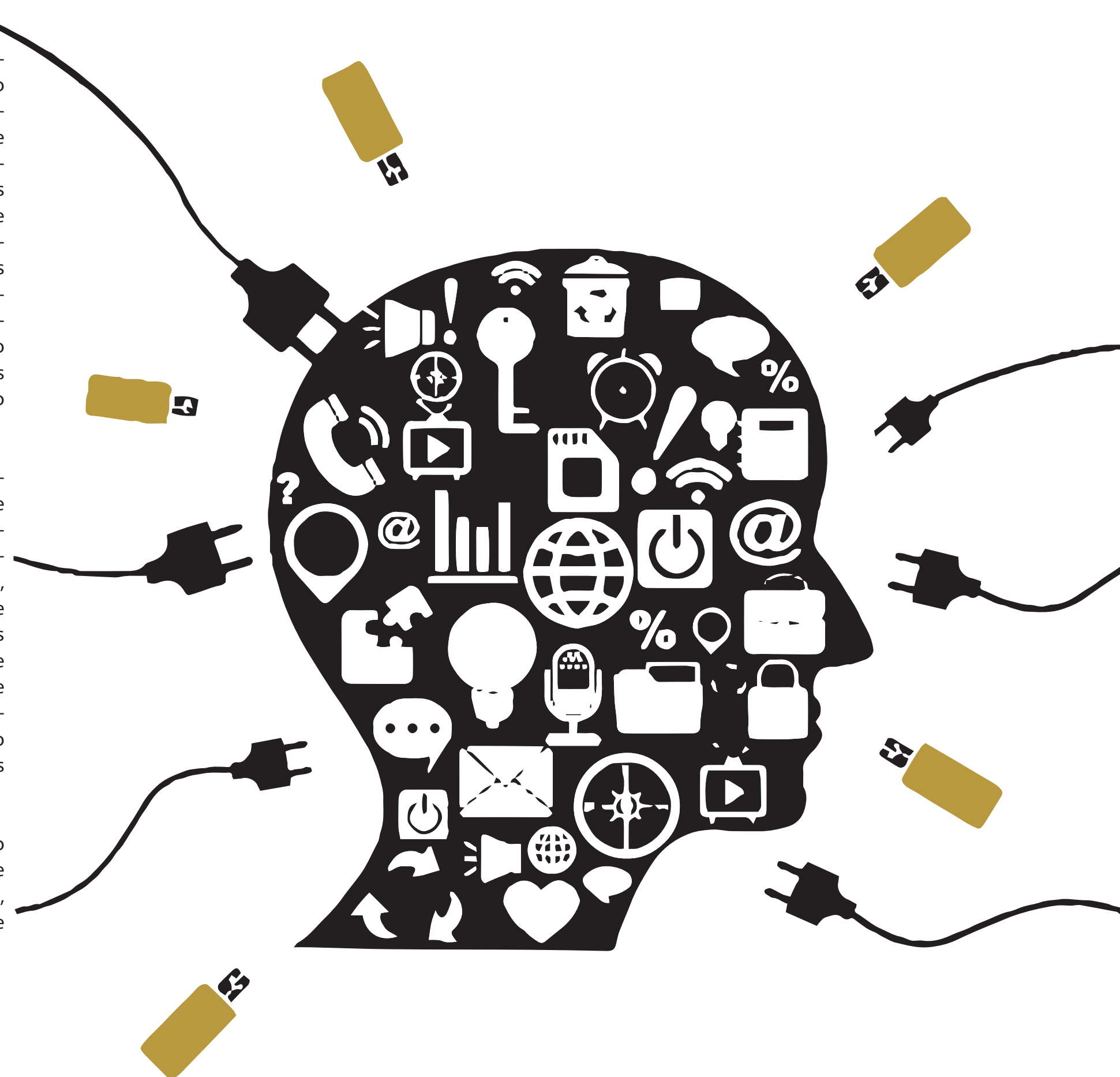


As pessoas que acompanharam virtualmente os ensaios e aberturas de processo da Zózima Trupe, no entanto, não viram o que resultou dessa primeira escrita (que, em si, já continha uma série de revisões, de reelaborações e de recombinações textuais processadas pela dramaturgia). Fomos e voltamos em partes significativas dos textos, também, à medida em que acolhíamos reações da equipe e foi assim que suprimos lacunas, que abrimos lacunas, que cortamos passagens, que criamos passagens novas, que incorporamos, enfim, camadas importantes de cada personagem, em seus monólogos. O público do projeto *Re'abitar*, portanto, viu não um ponto de partida, mas o que já era resultado de um longo percurso de criação compartilhada – e que ainda estava em pleno curso.

Aliás, o público do projeto *Re'abitar* não assistiu a coisa nenhuma, tendo, na verdade, assistido bastante coisa. Explicamos: não formaram uma plateia tradicional, mas compuseram, de fato, um coletivo de assistência, de auxílio, que não hesitou em propor visões, comentários e críticas, promovendo um ambiente de troca e de estímulo à criação. As palavras publicadas neste volume ecoam esse encontro, tanto no que de fato encontrou caminho até o texto quanto no que não conseguimos, por muitas razões, acolher. Não esqueceremos, por exemplo, do alerta que nos foi feito com relação à importância de termos listado, entre os personagens, a Escola.

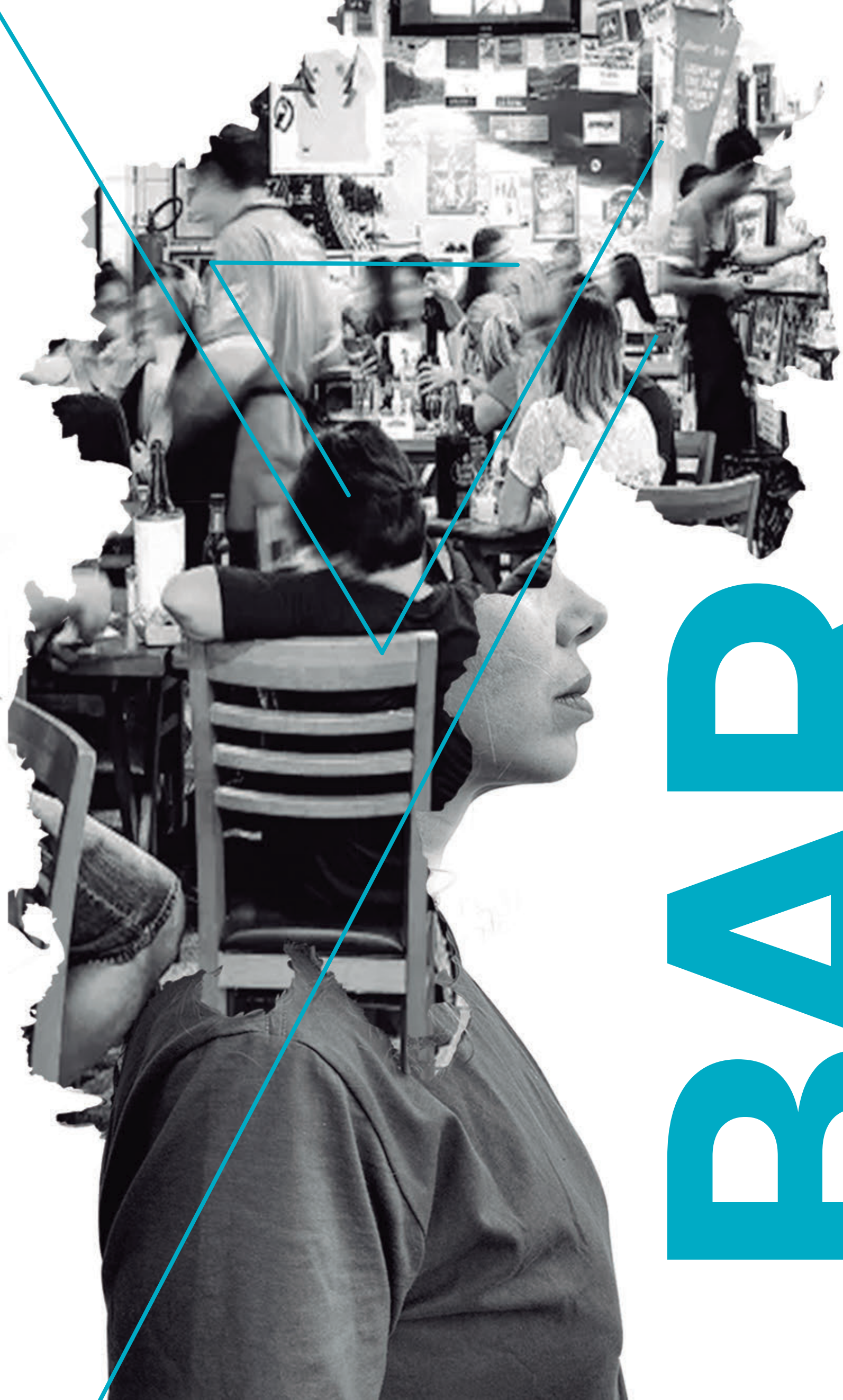
Deixamos de ver a Escola no mapa, é verdade. De todo modo, talvez a Escola tenha encontrado seu caminho e chegado ao *Re'abitar* sem que a nomeássemos. Afinal, que imagem traduziria melhor esse projeto se não a de uma imensa, surpreendente e transformadora Escola?

....



**a dramaturgia de Cláudia Barral e Marcos Barbosa versa sobre impossibilidades. perguntar aos espaços 'como está sendo lidar com o vazio?'; também perceber que alguns lugares estão dentro de nós. durante o processo, o texto ganha vida - e novas ideias, na troca aberta com o público participante: que bonita, essa abertura. que riqueza há no compartilhamento da feitura de uma obra!**

fragmento por amilton de azevedo



# BAR

O  
SILÊNCIO  
DAS  
COISAS  
QUIETAS



## BAR\_dramaturgia

por *cláudia barral + marcos barbosa*

Para mim é difícil. Muito, muito mesmo. Logo eu, né? Eu, que sempre fui da porta aberta. E lhe digo mais: ainda sou.

(Pausa.)

Essa daí não, claro. Essa porta aí está fechada. Mas essa é a que menos conta. Porque tem a outra porta. A porta da alma. Por essa porta daí a pessoa chega, mas é pela outra porta que a pessoa fica. Quando alguém passa por essa porta aí, vem trazendo junto o mundo inteiro. E o mundo pesa. O mundo arde. Faz um barulho danado. Já parou para ouvir? E o cheiro do mundo, então? É insuportável. E o que mais acontece é de a pessoa entrar, passar um tempo aqui, às vezes até muito, muito tempo, mas depois sair, ir embora, sem nunca ter ficado. É isso mesmo. Entra, passa um tempo e vai embora sem nunca ter ficado. A pessoa chega aqui na ânsia, na pressa, na loucura, carregando nas costas o peso do mundo, o barulho do mundo, o cheiro do mundo. Passa um tempo aqui, comigo, sente um alívio, mas pode ser que vá embora do mesmo jeito que entrou. Às vezes, vai embora até pior.

(Pausa.)

Para ficar, a pessoa tem antes que se entregar. Se entregar mesmo, como um bebê se entrega. Um bebê com fome, com sede. Já viu? Já segurou no colo um bebê chorando, com febre, cagado? Vá pensando que se entregar é fácil! Isso é o que o povo pensa, mas, na verdade, é o contrário. É difícil! Se entregar é mais difícil do que acolher. É muito mais fácil acolher alguém, seja chorando, seja com febre, seja com fome, seja cagado, do que se entregar para alguém.

(Pausa.)

Estou nisso há muitos anos, já. Não vou falar que me orgulho, porque acho uma boa merda essa lengalenga de orgulho-disso, orgulho-daquilo, mas lhe garanto que vergonha eu nunca tive. Nunca. Desde o primeiro dia eu pensei: meu caminho é esse e eu vou

trilhar. Meu caminho é acolher sem fazer distinção, é receber, é cuidar, seja uma vez, seja duas, seja por vinte minutos, por uma hora, por uma noite. Acolher é uma missão. É um chamado. Vou lhe dizer uma coisa: acolher o desejo de alguém tem uma força tão grande que abre uma ferida no tempo. Acolher o desejo de alguém, qualquer desejo que seja, acende o tempo de uma vida inteira.

(Pausa.)

É como tudo, a gente vai melhorando por um lado, por outro não. Porque uma parte disso que eu faço é coisa de atenção, de tino, de cuidado. Outra parte é suor mesmo, é labuta. E, se é certo que a gente está sempre aprendendo, também é certo que uma hora a gente começa a cansar. Olha, já passou tanta gente por mim que, se fosse formar uma fila, dava metro que não se mede a trilha. Foi muita gente!

(Ri. Fica pensativa, por um tempo.)

Vieram, se entregaram e eu acolhi.

(Pausa.)

Isso aí, para lhe ser muito sincera, é o que menos importa. Quem faz o que eu faço não está olhando para isso, não. Vou lá escolher quem eu acolho? Nem posso! Quem abre a porta, como eu, tem que ficar de porta aberta. E, quando a porta se abre, eles vêm e, no que depender de mim, quem vier entra. E pronto. Vem homem, vem mulher, vem gente só, vem casal, vem em bando. Chegam aqui alegando tudo: copa do mundo, dor de corno, promoção, depressão, gravidez, pneu furado, nariz reformado, herança, briga pela herança, tremedeira, milho do bicho, desgosto de filha – que a música mesmo diz que é um dos piores que tem – oficial de justiça, urina presa, match do Tinder, fórmula um, quaresma, visto de permanência, estresse, entrevista de emprego, intestino solto, nascimento de gêmeos, aquecimento global, e-mail da firma, resultado do primeiro turno, resultado do segundo turno, resultado do impeachment, feriado prolongado, reforma de casa, dívida de jogo, demissão por justa causa, consórcio de moto, extrema esquerda, extrema direita, pau mole, carteira de habilitação, vestibular,

mau olhado, encosto, Coreia do Norte, liberdade condicional, fofoca de vizinho, nude vazado, beijo roubado, câimbra, viagem por mar... Alegam tudo. E agora, além de tudo, vão alegar o que se põe aí, diante de nós.

(Pausa.)

Para mim, dá no mesmo. Se entendi que é meu caminho acolher quem chega, eu não posso escolher nem julgar. Às vezes o bebê está rindo, às vezes o bebê está chorando, às vezes tá banhado, cheiroso, às vezes está cagado. O colo de quem embala tem que ser o mesmo. Se chegarem alegando solidão ou saudade ou medo da morte ou a ruína de toda e qualquer esperança, o meu colo tem que ser o mesmo. A razões de quem vem são muitas, mas o colo que eu tenho para dar é um só.

(Pausa.)

Tenho família, sim. Uma irmã. Meia irmã. Ela não mora longe, não, mas a gente não já se fala há muito tempo. Cada uma foi tomando um caminho na vida. Ela tem isso de ver o futuro.

(Ri.)

É sério, ela lê o futuro. Mas, se eu fosse me preocupar com o futuro, do jeito que ela faz, eu não dava conta de fazer o que eu faço. Eu tenho que estar no agora o tempo todo. No meu agora e no de quem veio me ver, nos dois ao mesmo tempo. Sempre agora, sempre aqui.

(Pausa.)

Não, de jeito nenhum. Não tenho nada contra, eu respeito o caminho dela. Agora, se ela respeita o meu, eu já não sei lhe dizer. Às vezes acontece de gente que vem aqui ir lá também, às vezes vêm primeiro aqui, às vezes vão primeiro lá e aí começa a fofocalhada, né? Porque, quem fica nesse vaivém, acaba tocando no assunto. Eu rio, entro na brincadeira, finjo interesse, mas não estou interessada, não. Nem um pouco. Também não gosto que falem mal dela, que contem piada. É minha irmã.

(Pausa.)

Eu fico calada. Já é de mim não falar muito, eu sou mais de ouvir, eu tenho que ouvir o tempo todo – mesmo quando eu estou falando, na verdade é na intenção de conseguir ouvir melhor. Aí, como eu não puxo esse assunto, a conversa vai parando de render e aí a pessoa começa a falar menos da minha irmã, menos do trabalho, menos do governo, menos da família, menos do cachorro, menos de todo o resto e aí a pessoa começa a falar de si. É nessa hora que meu trabalho começa.

(Pausa.)

Isso é o que todo mundo pensa, que estou aqui para cuidar de uma urgência de músculo, de sangue, de suor, de saliva. Mas eu estou aqui para cuidar de alma. Isso tudo: músculo, sangue, suor, saliva, isso tudo, para mim, é a alma. A alma pura é como se não existisse, porque se existe não é dado a ninguém ver, mas a gente vê, a gente cheira, a gente pega na alma lá onde ela encarna. Meu trabalho é esse, então, é na carne, eu conheço a carne, o encontro da carne na carne, mas isso é como se fosse a primeira porta, a porta bruta, essa aí, atrás de você, fechada. O que eu procuro é a outra porta. Eu tiro essa roupa aqui, a primeira, mas meu trabalho é tirar a roupa que não se vê, a que de fato aperta, a que sufoca.

(Pausa.)

Quando eu precisei fechar a porta, aquela porta, a primeira, eu fiquei me perguntando exatamente isso: e agora? E agora, como é que vai ser? Minha preocupação não era nem tanto comigo, era com quem precisa de mim. Muita gente precisa de mim. Quase ninguém diz isso, assim, com todas as letras, mas muita gente precisa de mim. “E agora?” – eu pensei. Vai fazer como? Mas, sabe? O desejo vai encontrando seu trilha. A gente é como se fosse só o repositório do desejo. Chamar por mim e eu fui.

(Pausa.)

Não, eu não saí daqui. Eu fiquei aqui. Também não abri a porta. Aquela porta, pelo menos, não. Foi outra coisa. Eu me desmanchei, sabe? Eu me desmanchei em muitas e fui entrando nas casas, sem precisar me anunciar, sem precisar pedir licença. É difícil de acreditar, né? Eu sei. Mas foi assim. Abriram a porta, a outra porta, e dessa vez fui eu que entrei.

(Pausa.)

Às vezes para o bem, às vezes para o mal. Mas não foi assim desde sempre?

(Pausa.)

Pretexto nunca faltou: almoço de domingo, bloqueio no Face, demissão, pazes feitas, frase feita, HD queimado, resultado do exame, resultado da biópsia, grupo de mães da escola, suflê que subiu, live de pagode, dor de cabeça, promoção de pijama, São João, tristeza sem nome, aquela planilha, a outra planilha, ganho de peso, foto de sobrinho, Guerra Fria, resultado do primeiro turno, resultado do segundo turno, resultado do impeachment, desculpas aceitas, nova temporada, torneira pingando, empréstimo quitado, pacote dos correios, tufão, safra recorde, shoyu light, pau duro, carta antiga, tirou o gesso, boas vibrações, promessa de férias, fofoca de família, má digestão, o enforcado do Tarô...

(Pausa.)

Verdade?

(Pausa.)

Não, eu não acho estranho, eu fico feliz. É minha irmã. Meia irmã. A gente não se fala há muito tempo, mas eu me preocupo com ela.

(Pausa.)

Não sei. Pode dizer que me viu e que eu falei dela com amor. Talvez isso já baste. Às vezes eu até me pergunto se o meu trabalho e o dela não seriam um só. Se, para a alma, o presente e o futuro não seriam um só, um mesmo mar tranquilo, sabe? Sabe quando o mar é um espelho tranquilo, espumoso, e as ondas vão em feira, no ritmo do tempo, atravessando a gente sem reventar, levando a gente para cima e para baixo, ninando a gente no colo úmido do mar?

(Pausa.)

Não tem nada pra mim no vazio. O vazio só me destrói.



croquis de nathália campos



# \_o bar é as portas abertas do desejo priscila reis

Adentrar as pernas do processo. Tatear o corpo nu da própria existência. Sentir o cheiro, o odor da alma pulsante, respirar e tomar consciência do processo da busca. Foi um delicioso desafio viver a personagem **Bar** nesses dias vazios de gente, dias submersos na própria escuridão. Procurei o sentido do prefixo *Re* no dicionário e me deparei com esse movimento:

- retrocesso; retorno; voltar a si.
- reforço; buscar minuciosamente.
- repetição; repensar.

O processo do *Re'abitar* já havia começado antes nos corpos. A jornada de caminhar para dentro de si num ano pandêmico fez-se necessária. Ainda que uma parcela de trabalhadores dos chamados serviços essenciais - como a saúde e os transportes - não tenham feito essa pausa, em algum momento todos nós estivemos em contato com o silêncio existencial profundo que é a brevidade da vida. Re-ver a própria trajetória ao perceber a finitude do hoje. Dentro desse caminho, mergulhei em diversos trajetos para adentrar no espaço do **Bar**, espaço pra mim que é caro, precioso, fundamental e sagrado para os corpos e almas humanas inquietas.

Na primeira quinzena da pandemia, assisti a um vídeo da Casa do Saber, onde Mário Vitor Santo entrevista a psicanalista Maria Homem dentro de um tema muito caro ao meu espaço pesquisado: "Como fica o desejo?". Se, em tempos normais, conseguíamos disfarçar ou abafar o desejo, agora ele grita e sufoca; não é mais possível fingir, driblar o desejo para debaixo do tapete. O vídeo segue e a psicanalista lança mais uma provocação: "você realmente quer aquilo que você deseja?"

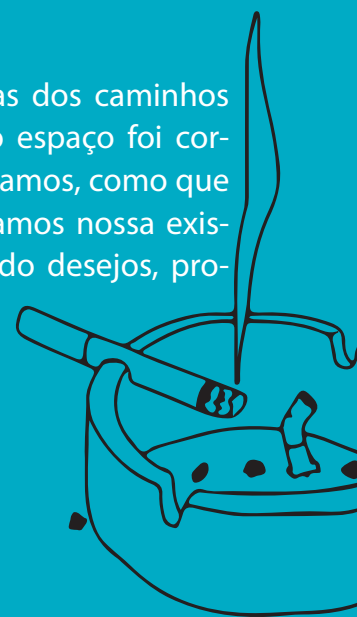
Dentro do *Silêncio das coisas quietas*, penso que o **Bar** foi um dos espaços que mais sofreu, visto que inexistia sem as relações, o encontro, o desejo. Mas o desejo continua existindo. As relações se tornaram outras. Os encontros, virtuais. Áudios enormes no WhatsApp, *lives* no Instagram, mandar nudes, ligações de vídeo: a cada dia aumentam as possibilidades de interação on-line, seja com as pessoas próximas ou mesmo com desconhecidas. Parti para alguns aplicativos de relacionamento e me alimentei desse desejo de ser vista, ouvida, desejada.

Não sentir o cheiro do outro. Como lidar com essa falta?! Como transferir, reinventar, essa necessidade tão básica de sobrevivência? Certo dia recebi um áudio íntimo. Aquela experiência me marcou. Lá estava o outro, em corpo nu, na mensagem de som. Busquei trazer nos experimentos do processo, de maneiras diversas, essas relações que carregam um caráter confessional, que expõem a própria intimidade de forma parecida àquela que buscamos com a bebida nos bares. Como diz a dramaturgia de Cláudia Barral e Marcos Barbosa, "Acolher o desejo de alguém tem uma força tão grande que abre uma ferida no tempo. Acolher o desejo de alguém, qualquer que seja, acende o desejo de uma vida inteira."

Essa é a beleza sagrada do **Bar**. Um tempo-espaço onde é possível iluminar os desejos, transcender, apagar, transmutar, aprofundar, afogar, despencar, cair e levantar. Lógico: o bar não salva ninguém. Mas segue de portas abertas para acolher, sem julgar, cada tensão e desatenção, cada alegria e cada tristeza, devolvendo e intensificando a energia que devotamos no momento da entrega.

No contato com o público, as escolhas dos caminhos dessa criação foram presentificadas; o espaço foi corporificado. Materializou-se o **Bar**. Brindamos, como que juntos ao redor de uma mesa. Celebramos nossa existência, trocando histórias e confessando desejos, profundos ou banais. Foi sublime.

....



na bar, seguimos irmanados;  
o que ela quer é nos receber.  
é abrir portas, sorrisos,  
aguaceiros. Priscila Reis  
propõe um brinde, dança,  
canta e depois nos convida a  
conhecê-la de outros  
modos: um perfil no  
instagram. que rico, o risco! o  
boteco, essa instituição  
nacional, está lá em registros  
meméticos nos trocadilhos e  
aventuras ébrias - narradas  
pelos participantes do  
ensaio-abertura, num  
interessante processo de  
acúmulo de material.

fragmento por amilton de azevedo

Copo vazio  
Garrafa cheia  
Aguardente  
Água quente  
Água que enebria  
Água que move meus  
sentidos, que ser-  
penteia minha carne,  
explora meus labrin-  
tos internos. A car-  
ne treme, uma dose  
a deus, bebo em sua  
homenagem, em co-  
munhão e em solidão.  
Lugar de encontro e  
desencontro  
O fundo do copo é  
vazio  
O Bar é igual a igreja,  
é lugar de  
comunhão  
Risadas  
Desvio  
Solidão  
Todo mundo é trans-  
parente  
No aguardente  
Na verborragia a  
Liberdade coletiva  
Agora o vazio  
A falta



# TEMPLO

O  
SILÊNCIO  
DAS  
COISAS  
QUIETAS



## TEMPLO\_dramaturgia

por cláudia barral + marcos barbosa

Foi difícil me achar? Às vezes é. Não que eu me escondo, porque eu não me escondo, mas, para me encontrar, para chegar aqui, antes é preciso querer. A rota que conduz até aqui é a vontade de me achar. Se não existe a vontade, é como se eu também deixasse de existir. Eu viro coisa, sabe? Eu deixo de ser lugar. Estranho, né? Mas sempre foi assim.

(Pausa.)

Desde sempre. Desde que eu me lembre.

(Pausa.)

Ih! Eu lembro de tanta coisa... Você me vê assim, como eu estou agora, com essa exuberância e tal, mas isso é uma moda. É do momento, né? Eu vou mudando, eu sou de mudar. Preciso mudar. Coisa minha. Mas eu já fui tão mais simples! Simples. Como uma fogueira é simples, como um amontoado de pedra é simples, como um lugar escondido no mato sabe ser simples. Por baixo de tudo eu acho que eu sou simples, muito simples. Sempre fui.

(Pausa.)

O que? Eu? Ler o futuro? Quem disse isso?

(Pausa.)

Ah... É minha irmã, ela ia mentir por que? Vai ver que leio, então. Quer que eu leia o seu futuro? Tem certeza?

(Pausa.)

Curiosidade nenhuma? É por conta da casa. É um presente.

(Pausa.)

O futuro é um livro bonito de se ler, porque é sem palavra. É um livro onda, é um cício de vento, um cantar de passarinho. A gente vai pondo as pala-

bras, conforme a pessoa que pede para a gente ler. E aí, não por minha causa, mas por causa da sede de quem me procura, por causa do desespero, da dor lancinante de quem chega aqui implorando por um futuro, eu abro um livro. Um livro qualquer. De cartas, de moedas, de copos, de búzios, de terra, de borra, de ossos, de fumaça, de vísceras, de números, de voos, de sonhos, de linhas, de anjos, de cristais, de chamas, de astros, de manchas. Os livros são muitos, mas são um só, porque a história que eles contam é uma só. É que não é bem no livro que a gente lê o futuro. A gente lê é no pedido em si. A gente lê em quem pede.

(Pausa.)

Claro que é um truque. O livro é sempre um truque. Agora, a leitura pode ser um truque ou não. Mas isso é coisa que a gente sabe ou não sabe, isso aí eu não tenho como explicar. Nem quero.

(Pausa.)

Porque não importa, porque é a parte pequena, porque parece um milagre, mas não é. Não é um milagre. O milagre é outra coisa. A leitura é um antes. O milagre, o milagre de verdade é o que acontece depois, mas isso cada um resolve por si.

(Pausa.)

A gente está falando de coisa que não tem preço. Então não faz sentido eu dizer um real ou um milhão. Se não tem preço, não tem preço. O que não quer dizer que não se possa cobrar. Eu não lhe cobrei nada, cobrei?

(Pausa.)

Tá, se eu cobrasse, você pagaria? Se pagasse seria um sacrifício? Se fosse um sacrifício, você se submeteria? Por quantas vezes? Por quanto tempo? Está vendo como isso tem mais a ver com você do que comigo? Vai muito do caminho de cada um. E para chegar na gente mesmo, antes é preciso querer muito! A rota que conduz cada qual até si é uma das mais difíceis que existem de se trilhar.

(Pausa.)

Essa solidão não é, assim, uma novidade. Para mim, não. Você fez essa pergunta para a minha irmã?

(Pausa.)

E ela disse o que?

(Pausa.)

Ah...

(Pausa.)

Já aconteceu de eu ficar só por muito tempo. Muito mesmo. Tempo que não se mede em idade de gente. Tempo suficiente para crescer uma floresta inteira à minha volta. E eu dormi ali, uma eternidade, afogada na umidade escura das raízes, entorpecida pelo cheiro doce da putrefação da planta, do bicho, do fungo. Tempo suficiente para o vento soprar de lugar uma montanha inteira de areia fina. Tempo suficiente para ser queimada em madeira e ser refeita em pedra, para ser derrubada em pedra e ser refeita em tijolo, para der demolida em tijolo e ser reerguida em concreto, para desabar em concreto e renascer em ideia, que é uma matéria muito sutil, mas muito forte e de um amargo pungente, como o que escorre da língua da eternidade. Já passei por tudo isso, só, então você há de convir que não é esse o problema.

(Pausa.)

O problema é que se todo mundo vai embora, eu sei o que fazer. Eu espero. Sou boa nisso de esperar. Espero um dia, uma década, uma era. Mas, dessa vez, é como se eu estivesse mandando as pessoas embora. E isso mexe comigo. Me dá uma coisa. Uma sensação de. Nem sei. Espera um pouco.

(Pausa.)

É como se eu falhasse em cumprir a minha promessa.

(Pausa.)

Eu prometi uma porta aberta. Do outro lado da por-

ta, eu prometi à ovelha que haveria pasto. Bastaria bater à porta e pedir – a porta estaria aberta e o perdido estaria à mão. E, por muito estreita que fosse, a porta levaria ao início de tudo – e também ao fim. Do outro lado da porta, a ceia do faminto, o sossego do desvalido, o alento do enfermo, o cobertor do pobre, o colo da criança. Uma porta para a justiça, azeitada com as lágrimas de júbilo de quem clamou por justiça e a encontrou. Uma porta guardada à frente da língua e do coração. Uma porta. Aberta. Não essa aí. Essa é a parte difícil.

(Pausa.)

Eu tenho fé. A paciência é uma oração muito forte. Eu sei orar.

(Pausa.)

Minha irmã lhe disse o que?

(Pausa.)

Não, de jeito nenhum. Não tenho nada contra, eu respeito o caminho dela. Às vezes acontece de gente que vem aqui ir lá também, às vezes vêm primeiro aqui, às vezes vão primeiro lá e eu, por curiosidade, pergunto, mas não estou muito interessada, não. É minha irmã e se seu não digo isso, assim, o tempo todo, é mais por questão de, é coisa de família. Tem certeza que não quer que eu leia seu futuro?

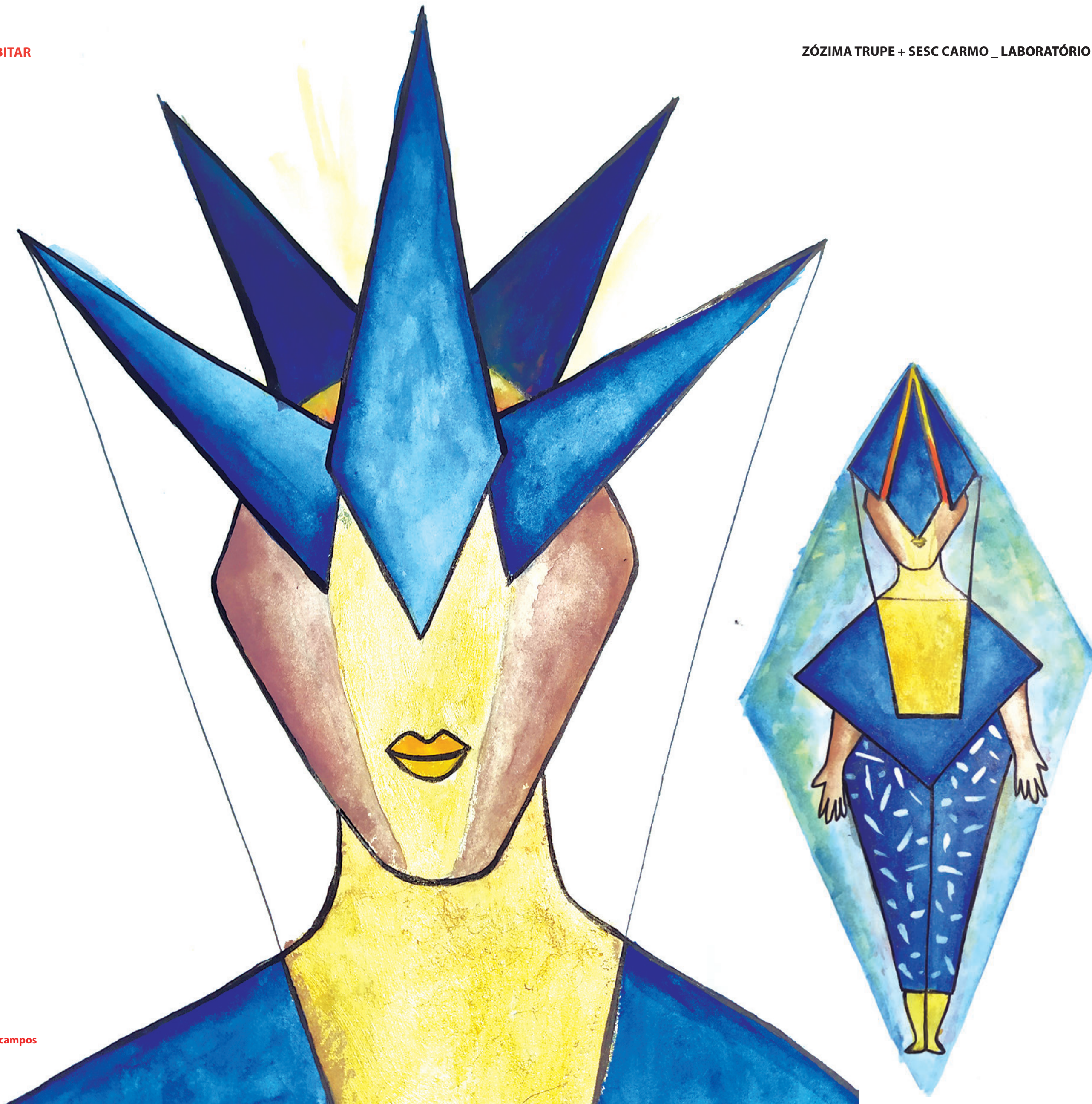
(Ri.)

Futuro é um modo de dizer. É tudo um modo de dizer. Ela lhe disse que entrega o corpo, eu também entrego, sabia? A gente não é irmã à toa. Eu entrego esse corpo aqui, de matéria, mas meu trabalho é chegar no outro corpo, o que reluz. Por trás da outra porta, debaixo da outra roupa, dentro do outro corpo, se agita a alma. Meu trabalho é dar colo à alma. Existe algum trabalho mais bonito?

(Pausa.)

O vazio? O vazio, de certa forma, é a minha promessa.

••••





# do tempo para o templo tatiana nunes

Acredito que este projeto tenha sido desafiador e complicado para todos nós, mas também de muitas descobertas. Tive bastante dificuldade em entender como tudo seria feito; sem contar que não sou uma pessoa amante das tecnologias, então tive que procurar entender e aprender muitas coisas para poder seguir com o projeto.

Confesso que ainda não me acostumei a esse novo modo de encontro, a esta relação com o público. Sinto muita falta do contato direto, o que me causa um estranhamento muito grande. Fui incumbida de dar voz ao espaço do **Templo** e fiquei feliz com a personagem, mas gostaria de ter tido mais tempo para maior aprofundamento e elaboração dos experimentos, que fiz por meio do WhatsApp, buscando entender quais as relações que cada um de nós estabelece com os espaços que ligamos ao sagrado.

Acredito que os espaços ainda tem muitas coisas a serem ditas, pensadas e criadas. Sigo no aguardo das cenas dos próximos capítulos para entendermos quais caminhos serão percorridos, até chegarmos, talvez, à montagem de um novo espetáculo que dê voz ao *silêncio das coisas quietas*. E espero que esse caminho seja mais analógico, para que possamos estar juntos, corpo a corpo, na continuidade deste projeto.

....

**templo é fogueira, é respiração, é busca e acolhimento. Tatiana Nunes Muniz constrói um experimento performativo, contemplativo e meditativo. um templo que nos habita, num tempo que nos permeia. bonito pensar no momento individual compartilhado: cada um ali, ouvindo o áudio em seus fones, em seus espaços, em suas lonjuras medidas nas distâncias de fora e de dentro; mas vendo uma mesma fogueira - mesmo que virtual. estar em torno do fogo e em contato consigo mesmo; ouvir o templo dentro de nós.**

fragmento por amilton de azevedo

**«Eu sou o...  
eu sou um...  
Templo...»  
silêncio  
solidão  
afeto  
vazio e cheio  
cheio e vazio  
preenchido  
noturno e frio  
acolhedor  
lágrima  
sorriso  
loucura  
alto, alto, alto  
muito alto  
se eu tivesse  
se eu tiver  
uma cor é  
verde... e azul**



# TEATRO

O  
SILÊNCIO  
DAS  
COISAS  
QUIETAS



## TEATRO\_dramaturgia

por cláudia barral + marcos barbosa

### (PRIMEIRA PARTE)

Hoje não.

**(Pausa.)**

Porque eu estou cansado.

**(Pausa.)**

Eu estou muito cansado.

**(Pausa.)**

Cansado de repetir.

**(Pausa.)**

As coisas se repetem. Eu me repito.

**(Pausa.)**

Eu estou cansado, já disse. De avisar.

**(Pausa.)**

Ah, as coisas se repetem. Você sabe. Você também sabe. É sempre a mesma história. As mesmas paixões: o amor, o ódio, o medo da morte, a ambição, a vingança.

**(Pausa.)**

Sim. A inveja também. As mesmas paixões levando aos mesmos erros.

**(Pausa.)**

Pois é. Eu estou há tanto tempo apontando caminhos.

**(pequena pausa)**

Olha, eu já fui o melhor do mundo. Sem modés-

tia. Sou muito velho para ser modesto. Por isso não me meto em briga. Eu não preciso disso. Não sou como uns e outros, cheios de mentiras ou de prazeres vazios. Não, meu caro. Meu querido. Aqui as coisas são diferentes. Aqui tudo se mistura: o prazer, a mentira, e o resultado é a verdade. Aqui é onde se vê a verdade. Ela aparece.

A verdade do tempo, da vida. A verdade dos seres humanos. Aqui ela se torna cristalina. Tão cristalina que parece invisível. Muitos não veem. Muitos pensam que a minha vida é só diversão. Mas eu sou um provocador. Eu sou um provocador como um espelho é um provocador.

Provoco pensamento, querido. Entre risos e lágrimas. Não é pouca coisa.

Mas agora, eu sinto um vazio. Sabe? Um vazio e um cansaço.

Cansaço de falar. De dizer. Parece que as pessoas abandonaram as palavras. Tudo um deserto.

**(Pausa.)**

Você que pensa. Falar era de muita utilidade. A palavra já serviu de aviso. Conselho. A palavra já movimentou o mundo. No princípio, era o verbo. Diz o outro livro. Ah, mas deixa isso pra lá. Eu estou muito velho. Cheio de lembranças.

### (SEGUNDA PARTE)

**(Pausa.)**

O quê?

**(Pausa.)**

Você ainda vai insistir nessa história de história? Não quero falar hoje.

**(Pausa.)**

Eu tenho sido muito atacado, sabe? Parece que não tem espaço pra mim. Mas tem sido sempre assim. No aperto. Na insistência. Cansa, sabe? Eu insisto porque existo. E a minha existência ainda alimenta muitas existências.

**(Pausa.)**

Por causa do que eu tenho a dizer.

**(Pausa.)**

Ah, tá bom. Vamos lá. Essa é a história de uma moça que vivia muito maltratada. Ela vivia com algumas pessoas que lhe faziam muito mal. Todos os dias, as pessoas vinham e lhe atiravam coisas, sujavam seu nome, lhe humilhavam. Não tinham o menor respeito por ela, esse grupo. Mas daí, um dia, por puro mistério, todos caíram doentes. E ficaram tão doentes que não podiam andar. Ficaram de cama. E a moça, sem ninguém que lhe fizesse mal, teve tempo de se recuperar. Ficou vistosa. Os cabelos cresceram. Ganhou corpo. Mudou.

**(Pausa.)**

Acabou.

**(Pausa.)**

Eu também não conheço o fim.

**(Pausa.)**

Não. Não estou falando de ninguém que você conhece.

**(Pausa.)**

Você conta uma história, ela pode ser inventada. É inventada. Não precisa ser de verdade. Ou melhor, é de verdade. Mas é de verdade inventada. Então, por exemplo, as coisas ruins, é melhor que sejam só as histórias. História de terror, de guerra, de roubo, de desgraça, de doença. Tudo isso pode. O que não pode? Matar, roubar, morrer. Tem que saber a diferença. Tudo pode ser dito, pensado, sonhado. Mas a realidade é outra coisa.

**(Pausa.)**

Tem que inventar. Reinventar. Ter criatividade para criar a vida. Repito isso há séculos. Se vive é de exemplo. Veja eu, por exemplo, agora vazio, depois de tanto tempo, de tanta história. E não são só as histórias e as palavras. São também os gestos, o que escapa do entendimento, o que rompe todas as linhas.

Agora, agora talvez eu não sirva pra nada. Agora ninguém se importa. Palavra? Que palavra? Que gesto nos salva? Onde vamos? De onde viemos? Quem se importa. Sou movido por perguntas. Filosofia. Mas quem se importa?

**(Pausa.)**

Você se importa?

**(sorri)**

Você tem essa leveza. Esse jeito de ventilar minhas ideias. Tá vendo? Já falei demais.

**(Pausa.)**

O vazio faz parte. Meu vazio é povoado de fantasmas. Os fantasmas do passado. Eles me contam histórias. Eles me lembram de quem eu sou. Não há vazio onde há memória.

••••



# \_re'abitar corpos, mentes, tecnologias: re'abitar o teatro! cleide amorim

O desafio está posto: criar virtualmente. Me peguei por vezes pensando se isso seria possível.

As indagações são as mesmas da grande maioria (creio eu):

"Não é teatro, não é cinema, não é vídeo, mas afinal, o que é?"

**"É CENA!"**

"Como fazer?"

"Existem recursos?"

Ah sim, existem muitos! Mas como utilizá-los de maneira que criem, recriem, acessem uma atmosfera de sensações e afetos? É bem verdade que, nem sempre, os corpos se atraem: Não é certo que uma expressão vá atravessar outro corpo, outra alma, mas isso é uma busca... que às vezes escapa, foge do nosso controle.

E como afetar o outro de forma tão avessa a mim? Passei dias a pensar...

Havia um estímulo, uma pesquisa se iniciando e um texto. Comecei a exercitar a minha própria forma de pensamento. No ambiente mental busquei recriar espaços que me alimentaram e me alimentam. Então, comecei a capturar

*coisas*, todas as *coisas* que me afetam: sentimentos, ações, reações... e percebi que tudo já estava entranhado.

O ambiente virtual, aparentemente frio, fez o caminho inverso: ele próprio me afetou diretamente, despertando o que estava silenciado. Restava montar meu quebra-cabeça, fazendo um apanhado das *coisas*.

E foi o que eu fiz! Os estímulos chegavam e eu, mais tomada de coragem, me entregava a eles; não sabia o que seria, mas estava empolgada com a brincadeira... Até que chegou o momento da experiência.

Dar voz e corpo, sentimentos, a algo tão necessário, primordial, atemporal - ao **Teatro!** Tremi.

Entre medos e incertezas roteirizei minha caminhada. Meu corpo se confundia com cabos e botões, telas e textos... e eu ansiava por algo limpo, com entendimento; começo, meio e fim. E, principalmente, lógica. Ao mesmo tempo lembrava da dependência de fatores externos (como sempre acontece). A novidade é sempre um bicho-papão. Ali, o maior desafio, sem dúvida, era e é construir uma atmosfera, estabelecer um diálogo, sustentar uma ambientação. "Seria possível?", pensava eu. Seria sim.

Talvez não de modo preciso, talvez não tão limpo e certo. Ainda assim, palavras de carinho e apoio chegavam ao longo do processo, demonstrando que, sim, a minha caminhada foi a caminhada de alguns. Minha emoção foi a emoção de alguns. Meu tremor, a tristeza e a alegria, tudo foi compartilhado. Personificar o **Teatro**, esse grande personagem da vida e da morte, dos ciclos, encontros, reflexões e devaneios, foi simultaneamente um peso gigante e uma grande satisfação.

O medo deu lugar à brincadeira e eu entendi o que eu estava fazendo: brincando, experienciando, me desafiando... estava RE-vivendo ações, RE-pensando ações, RE-criando sensações e situações.

Estava re'abitando meus próprios espaços e as novas formas do fazer artístico...

...é possível, quando não se perde o desejo de continuar.

E continuemos! Afinal, as formas possíveis do fazer teatral neste momento estão aqui, ao nosso dispor. É diferente, talvez um pouco distante, mas, em princípio, certas coisas permanecem: é feito com gente de verdade, de carne e de sentir, de vozes e olhos brilhantes. É feito da mesma matéria-prima bruta: o ser humano!

•••

AA

🔍 🔒 foto de dionisio



**ah, o teatro! Cleide Amorim vai pra cena. espanta cachorros pra começar; dá-lhe pigarro, tosses e poeira. ao escolher apresentar um powerpoint dentro do microsoft teams, a artista joga simultaneamente com muitos dados: frente às outras redes e possibilidades, pode ecoar um suposto anacronismo do teatro dentro deste mundo hiperconectado. ao mesmo tempo, ao percebermos a escolha como sátira, uma crítica é instaurada na tensão da forma do experimento com a plataforma em questão. o teatro ecoa seus mortos e se depara com a ficção do real, mas não se esquece que está vivo, mesmo que em mais uma de suas infinitas crises: canta bonito e exige seus merecidos aplausos.**

fragmento por amilton de azevedo



# PARQUE

O  
SILÊNCIO  
DAS  
COISAS  
QUIETAS



## PARQUE\_dramaturgia

por cláudia barral + marcos barbosa

Sensação de que todo mundo deu certo, menos eu, sabe?

(Pausa.)

Sei lá. Como se todo mundo fosse o que tem que ser. Mas eu deveria ter sido outra coisa. Outra coisa maior, melhor. Mas acabei dando nisso aqui.

(Pausa.)

Isso: esse arremedo. Uma espécie de cópia mal feita de outra coisa.

(Pausa.)

Não sei dizer que outra coisa, assim, de cara. É uma sensação. Mas é uma sensação muito forte. Se eu falar nisso eu fico até com vontade de. Espera um pouco. Deixa eu respirar.

(Pausa.)

Só sei que parece que há mais liberdade no mundo. Parece que em algum lugar tem uma festa acontecendo, uma festa legal, onde todo mundo que é alguma coisa está lá, se divertindo, só que eu não fui convidado. E aí eu fico com essa sensação de perda, porque eu não sei onde é a festa e não sei se iam me deixar entrar. E as pessoas que estão lá, elas ficam... Não sei. Felizes, eu acho. Parece que tem um lugar com mais verde, mais bicho, mais árvores. Um lugar amplo, sem fronteira, solto, sem essa roupa apertada, sem esse medo de tudo. Parece que tem mais. Alguém tem mais que eu. Alguém tem sempre mais que eu. E eu fico aqui. Esperando ser essa outra coisa. Parece que eu nem comecei ainda. Sabe?

(Pausa.)

Não sabe. Tudo bem. Mas é assim. Eu sinto assim.

(Pausa.)

Pois é. Mas é assim que eu sinto. Eu vou fazer o quê? Dizer que não sinto e pronto? E eu sinto muito, sabe? De verdade, não estou aqui fazendo charme, não. Quem dera.

(Pausa.)

Parece que tá todo mundo feliz! Tem coisa pior? Tudo mundo vinha feliz. Olha, quase ninguém chegava triste. Todo mundo vinha na maior alegria. Eles vinham. Faziam esporte, corrida, picnic. Tudo. Muito namoro também, namoro às claras, namoro no cantinho, nas moitas, no fim da tarde. Mas era um pessoal que olhava um para o outro, ninguém olhava pra mim. Por que? Parece que estavam olhando através. Eu sou invisível, por acaso? É certo, isso? Custa se preocupar comigo, também?

(Pausa.)

Vinham, se divertiam, depois iam embora. Ponto. Acabou. Sem nem um obrigado, nada.

(Pausa.)

Eu não sei o que eu queria mais. Mas eu quero mais. Porque, é isso, parece que alguém tem mais. Então, eu também quero mais. Eu não sou pior que os outros. Sou? Não, né?

(Pausa.)

Não sei se é vaidade. Não acho que eu seja egoísta também. E só que eu me sinto muito usado. Muito usado. Sabe?

(Pausa.)

Porque tudo me invade. Tudo me pisoteia, tudo me suga.

(Pausa.)

Tudo. Tá bom. Não tudo. Mas muitas coisas. Coisas. Não é específico o bastante? Eles, então. Eles é bem concreto.

(Pausa.)

Ela.

(Pausa.)

Sim, ela.

(Pausa.)

Também notei. Como não notar?

(Pausa.)

Esse é justamente o problema. Antes até que dava para a gente conviver bem, eu sentia que eu cuidava dela, aí eu não ficava com essa sensação de insegurança, de agora. Mas, posso ser sincero? Ela me atravessa. Eu fico completamente à mercê do humor dela. E ela mudou de um jeito que começou a tomar um espaço gigante na minha cabeça. Não consigo pensar em mais nada. Nada. E se eles discutem, se eles brigam, eu sofro. Tudo recai em mim. Eu sou um nada. Um nada. Parece que eu só existo para ficar ao redor dela. Parece que a minha existência está vinculada à existência dela. Delas. Essa é a verdade. E agora ela achou de fluir, sei lá, de brilhar, de transbordar.

(Pausa.)

E eu me sinto humilhado, óbvio.

(Pausa.)

Não estou exagerando.

(Pausa.)

Você acha?

(Pausa.)

Importante para quem? Quem gosta de mim?

(Pausa.)

De mim mesmo? Ou dela? Você acha que estou sentindo a minha falta?

(sorri tímido)

Ah, agora você que está exagerando.

(Pausa.)

Você não acha que eu sou só um substituto civilizado de alguma coisa maior, mais selvagem? Que eu sou só um apêndice dela? Que eu sou só um arranjo mal feito?

(Pausa.)

O possível? Como assim "o possível"?

(Pausa.)

Uma possibilidade?

(longa pausa)

Eu nunca tinha pensado nisso. Você tem razão.

(Pausa.)

Sim. Se eu estou aqui é porque alguém me desejou. Eu sou fruto de um desejo. De uma escolha. Isso é importante.

(Pausa.)

Sim, eu sou importante. Eu sou uma saída.

(Pausa.)

Sim. Eles não me usam, eles usufruem.



(mais animado)

Eles devem estar sentindo a minha falta. Eu sou fundamental. É que, às vezes, me maltratam. Eu nem percebo como eu sou importante. É que eu sou muito inseguro. Muito mesmo. Você entende. Mas, poxa, obrigado. Foi bom conversar com você.

(Pausa.)

O vazio? Olha, eu sempre me senti vazio. Mesmo quando estava lotado de gente. Porque o que preenche a gente é um olhar, um cuidado. E isso eu nunca tive. Nunca tive. Ninguém cuida muito de mim, sabe? Daí todos os meus problemas emocionais. Eu tenho muitos.





# \_a solidão do parque que não pertence junior docini

Participar de um processo de criação virtual e compartilhado foi bem interessante e complexo ao mesmo tempo. Percebi, ao longo dos encontros e experimentos, que não depende só de quem está emitindo a mensagem: depende muito de como este outro recebe o material enviado por nós, desde questões técnicas até o ambiente onde essa pessoa está. Nossa casa é geralmente um lugar com muitas possibilidades dispersivas, então é um desafio torná-la um ambiente propício para essas experimentações cercadas de aparatos tecnológicos - câmeras, iluminação, conexão, equipamentos, aplicativos...

É intrigante como o teatro rompe com certos protocolos e uma reunião no Teams passa a ser uma conversa de tom mais informal. Estabelecer esse ambiente mais amistoso me ajudou a manter a calma - principalmente no caso de algum pepino técnico acontecer. Óbvio que aconteceu! Que bom que nós todos, artistas-pesquisadores e o público, já estávamos nos encontrando há alguns dias nas outras ações do projeto, fazendo daquela plataforma um espaço mais conhecido para o ator.

Uma das primeiras ações do *Re'abitar* foi o encontro-provocação com o músico Gregory Slivar. Sua partilha sonora me provocou muito, mexeu com a minha imaginação. Então pensei em criar ambiências sonoras para o **Parque** como forma de antagonizar o texto. No *Silêncio das coisas quietas* o **Parque** ganha outra dimensão, com sentimentos complexos de solidão. Pedi ao Gregory uma composição sonora que trouxesse sensações densas junto às sonoridades esperadas de um parque "normal" para criarmos uma crescente entre música, texto e sonoridades. Foi uma experiência muito legal pensar na provocação das pessoas a partir dessa criação sonora.

Para o cenário, queríamos contrapor a sonoplastia. Também enquadrar, plastificar, deixar o ambiente organizado, *Instagramável*. Exatamente como o **Parque** se sente; artificial. Me cerquei de plantas e optei por uma câmera estática para distanciar o público da imagem, lançando o foco na narrativa sonora. E aí surge a questão: qual é a sua imagem de um **Parque**?

Lembro que ficamos surpresos quando o monólogo dessa personagem chegou: ele era exatamente o oposto do que todos imaginavam. No início do processo, nosso diretor, Anderson Mauricio, queria uma comédia - para que pudéssemos nos divertir um pouco. E aí o **Parque** veio triste, melancólico, solitário, depressivo: um abismo profundo de emoções e sensações. É um espaço que representa o próprio isolamento social e nossas angústias diante dessa pandemia. O **Parque** representa a nossa separação da natureza; a negação da floresta e a ausência de cuidado com os espaços de encontro e lazer.

Nos encontros, pude entender quais eram as impressões que as pessoas têm sobre o que é um **Parque**. As falas eram geradoras de contradição em relação ao texto - e isso me deu muito apoio. Percebi que as pessoas falam do **Parque** a partir das observações de seus usos: "Ah, as pessoas vão praticar esportes, namorar, fazer piquenique; é um lugar de alegria, de leveza, etc.". No *Silêncio das coisas quietas*, o **Parque** se sente usado. Não se sente parte de algo. É por esse eixo que pretendo seguir a pesquisa.

O que o **Parque** sente ficou muito próximo ao sentimento de quem está passando por momentos difíceis

como a depressão. Levantar essa discussão pelo viés de algo não-humano me pareceu bem intrigante e é muito complexo. Não é fácil humanizar essa personagem.

Durante a leitura do texto, as pessoas captaram a essência daquilo que propus, e assim pude me aprofundar mais e mais a cada momento. Uma participante das conversas-leituras, Ana Luiza Icó, comentou sobre um **Parque** em Chernobyl - o parque de diversões de Pripjat. Fui pesquisar sobre, ver imagens e vídeos. Ninguém quer saber deste **Parque**, ninguém. Nem os homens, nem a natureza. Desta referência pude captar melhor essa solidão.

....

**Junior Docini ambienta a melancolia de um parque que se sente 'cópia malfeita de outra coisa', 'um arremedo', em um espaço cercado por vasos de plantas. e talvez essas folhas também sintam que aquele pequeno espaço de terra não lhes permite ser tudo o que poderiam. o que parece mais difícil de ser dito ao vivo surge em áudios. e em canção. Docini-parque compartilha a tristeza que povoa uma paisagem solitária em meio à felicidade alheia. um querer-mais.**

fragmento por amilton de azevedo



# parque solidão parque



# RUÍDA

O  
SILÊNCIO  
DAS  
COISAS  
QUIETAS



## RUA\_dramaturgia

por cláudia barral + marcos barbosa

E você quer o quê? Na moral, você vem aí cheio de pergunta é para quê? É porque quer saber mesmo ou é pra me testar? Você é policial, jornalista, escritor? Você é o quê?

**(Pausa.)**

Não estou sendo grossa. Estou perguntando. Você já perguntou aí muito mais. Te chamei de grosso? Então.

**(Pausa.)**

Agora deu pra esse negócio de ter medo de briga, fica aí nessa de paz e amor. Ah, vá! Paz e amor? Fala sério! Onde? Em sonho, né? Porque no mundo mesmo, na real? Paz e amor? Não, né? Papinho aí, de otário. Furada. É na luta? Então é na luta! É no pau? Então é no pau! Se é pra se conhecer na porrada, a gente se conhece na porrada. Que seja. Quer me conhecer? Já é. Não precisa ser na porrada, não, mas tem que ser na coragem.

**(Pausa.)**

Tudo é embate. Uma conversa também é embate. Tem a pedra e tem a palavra. Qual é a que vai mais longe? Qual é a que pesa mais? É na ideia reta para saber quando vai numa, quando vai na outra. Você duvida?

**(Pausa.)**

Se duvida é porque ainda está vivo. Paga um gole aí pra mim.

**(Pausa.)**

Fácil não é. Nada é fácil. Mas não vou ficar nes-

sa de sentar e chorar não que eu estou no corre. Bola pra frente. Movimento. Meu rolo é o corre, meu corre é a gira. Eu sou animada, sabe? Sabe como é? Aqui é alma, ó. Eu gosto é da bagunça. Estou aqui? Não estou. Você nem me vê e eu já fui, já voltei.

**(Pausa.)**

Sim. Tem horas que eu sou dura. Mas porque já passaram muito por cima de mim. E não foi só a passeio não. Já vi muita coisa. Já vivi um monte. Nem te conto.

**(Pausa.)**

A vida é dura. Fica aí sentado esperando a ciranda, fica. Fica aí no picolé vegano, para você ver se um unicórnio vem te salvar. Não vem nada de graça. Nem o almoço nem a dignidade nem nada. É na luta, é sem parar.

**(Pausa.)**

É. Porque não é só chegar. Tem que ter respeito. Você não está só no mundo. Ninguém está. Então, tem que aprender a convivência. Isso se aprende. Olhar o outro, o diferente. Tem que respeitar. Não é tolerar. É respeito. E junto com o respeito, vem a compaixão. Quando um está em dificuldade, vem o outro, ajuda. É assim que tem que ser. Ninguém é igual, não, mas vale mais ou menos a mesma coisa. Tem que respeitar todo mundo. Então, a minha briga é essa. Minha democracia é pé no chão. Se quiser filosofia é na pernada, sentada em cadeira eu não fico. Eu sou movimento. Eu sou encontro. Eu sou escola. Sou escola também. Não me recuso. E sabe o que eu aprendo, todo dia? Que se você fica parado, a vida te atropela. Ninguém vai te dar nada, se você não for buscar. Isso é hoje. É hoje que eu estou coberta de sangue. Por isso, eu quero luta. Outros tempos, outros ritmos. Mas hoje eu estou assim.

**(Pausa.)**

É tudo política. Festa também é política. Eu só penso em política porque não tem outra coisa.

**(Ri.)**

Quero que partido se foda. Sabe o que é partido? Partido é o que não é inteiro. Quero que se foda. Aqui o erro é de cada um. Não tem essa de "safe space" não. É "brave space" mesmo. É guerra, aí você trata de escolher bem quem você leva pra trincheira. A guerra não é contra o inimigo, não. A guerra é a favor de quem está do seu lado. Você está me vendo aqui sozinha? Vai sonhando que isso ainda dura. Espera aí. Está achando que eu estou dormindo em berço esplêndido? Vai nessa. Estou aqui crescendo na raiva.

**(Pausa.)**

Ódio não, ódio deixa a gente escravo. Ódio é bom pra otário. Eu sou otária? Eu estou crescendo é na revolta. Espera só, para você ver, se eu não vou de falange, se eu não vou de legião. Fica aí achando que eu vou ficar vazia muito tempo...

**(Pausa.)**

Estou até gostando. Máscara é uma cara que a gente escolhe. Quando a gente esconde essa, a de carne, a gente põe para tomar ar a outra, a de coragem. Você acha que super herói usa máscara por que? Quando eu vi que agora a ordem era máscara eu ri! Eu disse: demorou. Já é. Um, dois, mil, dez mil. Todo mundo de máscara. A multidão vai chegar assim. Gritando, mascarada, pedra na língua e palavra na mão. Uma hora vai voar a primeira. A pedra. A primeira pedra. E aí, o que vai ter de muro caindo, de canalha caindo no murro, de urro, de talha. Ah! Estou aqui paradinha que nem fica onça parada, pensando naquela hora em que a gente para de pensar.

**(Pausa.)**

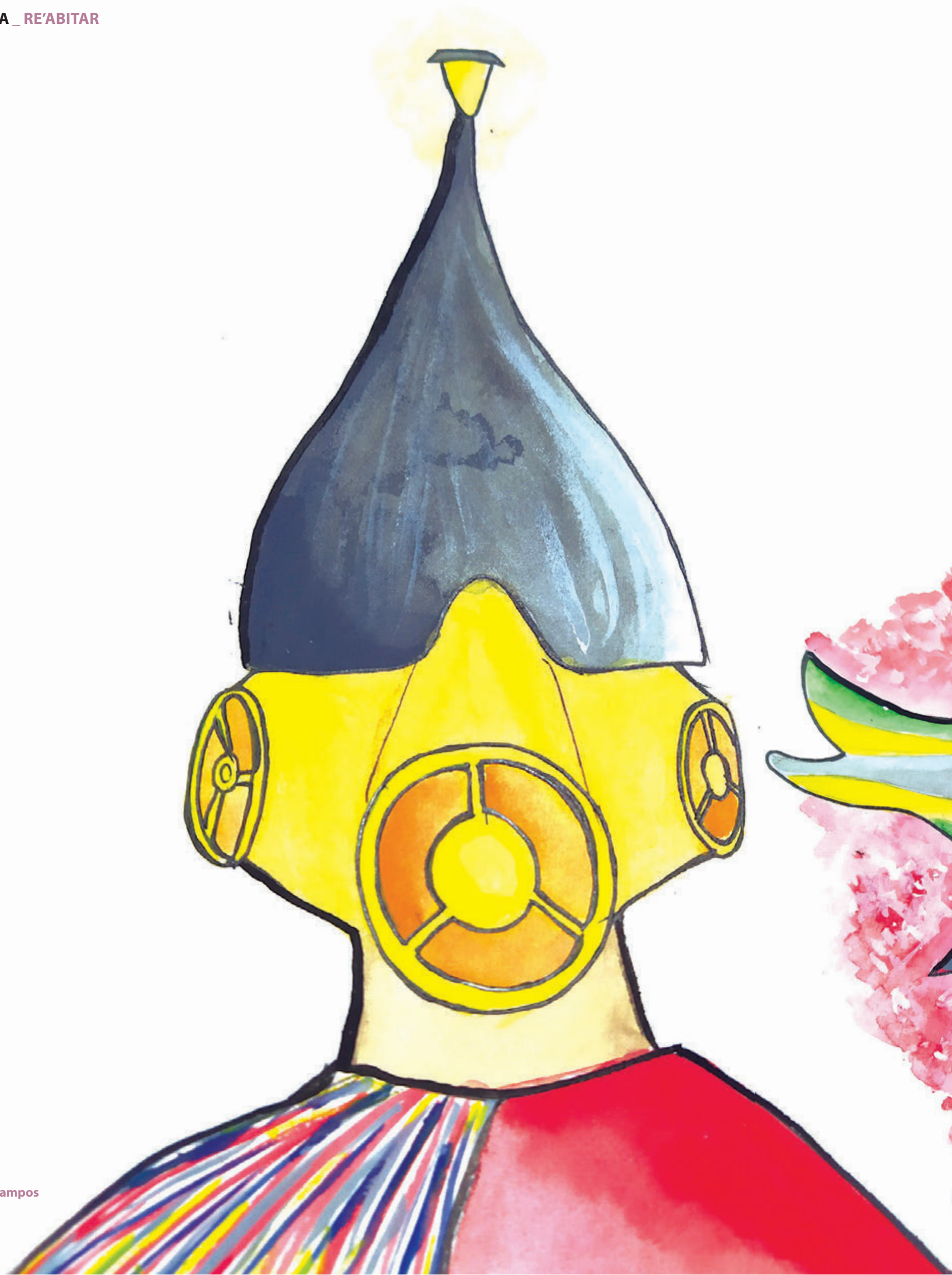
Parceiro eu tenho muito. Camarada. Comparsa. Aliado. Amigo, não. Amigo eu nem tenho nem quero, porque senão dá a entender que amizade é coisa garantida. Não é. Nunca foi. Amizade também é conquista e tem que seguir conquistando.

**(Pausa.)**

O vazio me faz perder um pouco o sentido, o tino, mas como eu nunca tive muito disso, também, foda-se. No vazio, eu fico perigosa.

**(Ri.)**

• • • •



# \_sobre as inseguranças e a energia das ruas tatiane lustoza

O simples ato de artistas terem a oportunidade de se reunir para criar algo é quase que milagroso no momento em que vivemos. Sinto que esse processo foi um respiro; um sinal de que estamos no caminho certo e que temos que continuar, tentando lidar da melhor maneira com o que nos é apresentado.

Nunca na minha vida pensei em fazer um trabalho nesse formato. A mudança que estamos vivenciando é drástica e, como a Zózima sempre foi *fora da casinha*, o projeto foi uma oportunidade maravilhosa de continuar existindo, sentindo e produzindo. O processo de investigação e pesquisa do Re'abitar foi um grande desafio (mais um para a coleção da Trupe!) em muitos sentidos.

Sendo produtora, tive várias inseguranças relacionadas à questões técnicas, como as necessidades de equipamentos adequados e a qualidade da conexão da internet (tanto da Zózima como do público), porque sabemos que o acesso ainda é precário, além de

inexistente em muitos lugares. Algumas pessoas que fazem parte do nosso público, que nos acompanham há anos, não conseguiram estar conosco no processo por conta da dificuldade que há em lidar com essas tecnologias.

Também tive inseguranças na parte artística: como fazer que o público de alguma maneira tenha uma experiência teatral? Ao longo dos encontros, minhas questões foram se dissipando na percepção de que estamos em risco total, que as coisas vão dar errado, mesmo que você tenha ensaiado diversas vezes, e é necessário assumir isso e contar com a compreensão do público e dos demais envolvidos no projeto.

Além disso, sou mãe de dois filhos, tendo que conciliar a criação em dois âmbitos: no experimento artístico e das minhas duas crias, Theo e Noah - também filhos do diretor e ator Anderson Mauricio. Esses bastidores dariam outro roteiro emocionante. Há muita coisa acontecendo fora do enquadramento das câmeras!

Quanto ao meu processo de criação, eu já sabia qual seria minha personagem, mas fui a última a receber o texto. O pouquíssimo tempo para pesquisar e mergulhar tinha que ser aproveitado ao máximo. Quando me deparei com a dramaturgia achei sensacional. Não esperava uma **Rua** tão enérgica e visceral. Me senti presenteada por essa oportunidade. Foi maravilhoso falar e gritar para o mundo cada palavra do texto. Eu como atriz precisava disso e nem sabia. Me esvaziei com a **Rua** e, agora, resta o desejo de dar continuidade à pesquisa.

•••

«  
A Rua é mulher  
O sangue escorre nas  
esquinas da rua  
A rua chama, acolhe, vibra,  
revolucionaria  
Ela é democrática, libertária  
O rico quer controlar a rua  
Com suas leis, placas,  
muros e lanças  
Enquanto em casa blinda,  
isola, e afasta  
O pobre conhece o segredo  
dela  
Adentra, aspira, afeta  
»

**a rua de Tatiane Lustoza chega como um passeio. um site permite que acompanhemos trajetos ao redor do mundo, ouvindo rádios locais. a voz de Lustoza mistura-se aos ruídos da rua entre escolhas artísticas e questões técnicas (conforme uma participante compartilhou ao final, 'a internet é uma geradora de frustrações' - bom mesmo é o calor da rua); sobre a paulista, são rabiscadas palavras-desejo, as mesmas que surgiram no ensaio-abertura. o processo de gestação se contamina e a rua vem de falange pois quando está sozinha é perigosa. rua-Lustoza, quando aparece, aparece inteira - mesmo com o rosto coberto. a rua é muito.**

fragmento por amilton de azevedo



# RIO

O  
SILÊNCIO  
DAS  
COISAS  
QUIETAS



## RIO\_dramaturgia

por cláudia barral + marcos barbosa

Eu não sei como começou. Eu não lembro. Eu sei que houve uma aproximação. Uma aproximação muito antiga. Eu gostava deles, no início. Porque eles vinham. Me adentravam, sabe? Não era uma invasão. No início não era uma invasão. Era mais uma relação. Quando a gente se abre para o novo. E eles faziam parte de mim. Então, eu me sentia maior, eu crescia com eles. Porque eu comecei a ter funções que eu nem imaginava. Eu me sentia forte, útil.

**(Pausa.)**

Não. Não só por causa deles. Eu era útil muito antes. Mas você tem razão. Eu dei atenção demais a eles. Eles eram diferentes de todos os outros.

**(Pausa.)**

Ah, porque eles riam. Durante muito tempo, eles vinham brincar. Sabe? Vinham brincar. Traziam alegria. No começo, foi tudo lindo, uma maravilha. No começo, eles eram mansos. Nunca me tratavam mal. Pelo contrário. Me tratavam como uma deusa. Davam presente, até. Sabe? Sabe o brilho do começo? O frescor do início? A gente se conhecia. Estava se conhecendo. Eu fui muito feliz ali, com eles. Achei que eles eram bons. Eles eram bons.

**(Pausa.)**

Não sei como mudou. Nem por quê. Só sei que mudou. E foi uma mudança tão lenta, mas tão lenta que eu nem notei. Acho que nem eles notaram. A gente foi adoecendo juntos. Eles e eu. A gente foi se perdendo. Se afastando. Perdemos o frescor, sabe? Eu já não era interessante. Nem bonita. Foram inventando coisas. Foram ficando cheio de coisas. Coisas. Muitas coisas. Perderam os olhos pra mim. Me trocaram. Me viraram a cara.

**(Pausa.)**

Essas coisas todas aí, que você vê. Tudo. Quase tudo aí que você vê ao redor é invenção deles. Eles começaram a devotar amor às coisas. Atenção, trabalho, empenho, tudo para as coisas.

**(Pausa.)**

Eles começaram a me maltratar. Tudo, tudo de ruim, que não prestava, todo lixo, dejetos, defeito, tudo jogavam em mim. Eu virei lixo, sabe? Lixo. Eu fedia. Reclamavam. Reclamavam do meu cheiro. Me humilhavam. E eu estava toda suja assim por quê?

**(Pausa.)**

Por causa deles!

**(Pausa.)**

Eles não vinham mais brincar. Eles não vinham mais. O que vinha era o lixo. E todo mundo paga. Só para dar um exemplo, você já viu a vida das tartarugas? Que vem o caçador e mata a mãe, vem o carro e atropela o ninho, vem a gaiota e bica o ovo, vem a luz da estrada e desnorreia o filhote, vem o peixe e come o irmão, vem o plástico e sufoca a tia, vem o navio que pesca atum e puxa junto a avó e amassa tudo dentro de uma lata e soca no lanche das crianças e no fim morre todo mundo por causa do aquecimento global?

**(Pausa.)**

Isso dura muito tempo. Dura muita dor. Eu sofro. Acho que eles sofrem também. Sem notar. Acho que eles não sabem que sofrem.

**(Pausa.)**

Como eu sei? Basta olhar. Antes, viviam rindo, brincando. Agora vivem cabisbaixos. Preocupados.

**(Pausa.)**

Eu sei que não justifica. Nada justifica o que fi-

zaram comigo. E eu não perdoo também. Nossa relação se tornou doentia. Virou uma exploração. Só isso. Tiraram tudo de mim. Não me deram nada em troca.

**(Pausa.)**

Um sorriso, uma palavra, um carinho. Um olhar de agradecimento já bastava. Que viessem, trouxessem as crianças. Deixassem as crianças brincarem comigo. Uma visita, sabe? Qualquer coisa. Mas não. Só lixo. E dor. Destruíram tudo. Me destruíram. Mas eu me recupero. Não sou de baixar a cabeça. Eu já estava aqui antes deles. Eles não me derrubam. Eu já estou melhor.

**(Pausa.)**

Quem? Quem notou?

**(Ela ri)**

Cresceu mesmo. Eu cresci. Fiquei inteira.

**(Pausa.)**

Pois é. Pra você ver. Quem diria... Foi assim, um dia diminuíram os insultos, eles sumiram das ruas. De tudo. Se trancaram em casa. Fecharam as fábricas. Tudo mudou. Até você mudou. Não foi?

**(Pausa.)**

Eu senti. Tudo mudou quando eles mudaram. Tudo ficou mais bonito, mais forte. Eu nem lembrava... eu nem lembrava como era me sentir limpa. Sem ter que carregar essa vergonha, esse medo. Porque nessa relação abusiva eles despejavam em mim a miséria deles. E eu fui misturando os defeitos. Comecei a me achar suja. Como se a culpa fosse minha. Também quem mandou eu estar justo aqui, no meio do caminho deles? Então eu mereço, eu devo merecer essa lama, eu devo merecer esse sofrimento, porque fui eu que me meti no caminho deles. Só agora eu posso perceber: eu estava aqui antes! Eles que vieram.

Eu adoeci junto com eles.

**(Pausa.)**

Sim, agora tudo está ficando mais claro. Agora eu consigo ver com clareza. Eu fui vítima. Mas não vou me vitimar. Vou erguer a cabeça.

**(Pausa.)**

Alguém me observa?

**(Ela ri, tímida)**

Onde?

**(Pausa.)**

Ah, me diz. Você começou agora termina. Quem é?

**(Pausa.)**

Não vai dizer?

**(Pausa.)**

Ah, que bobagem. Eu precisava tanto saber.

**(Pausa.)**

Porque eu estou precisando ser amada. Ser olhada com carinho.

**(Pausa.)**

Quem está olhando?

**(ela ri)**

Diz!

**(Pausa.)**

Tá bom. Vou respeitar.

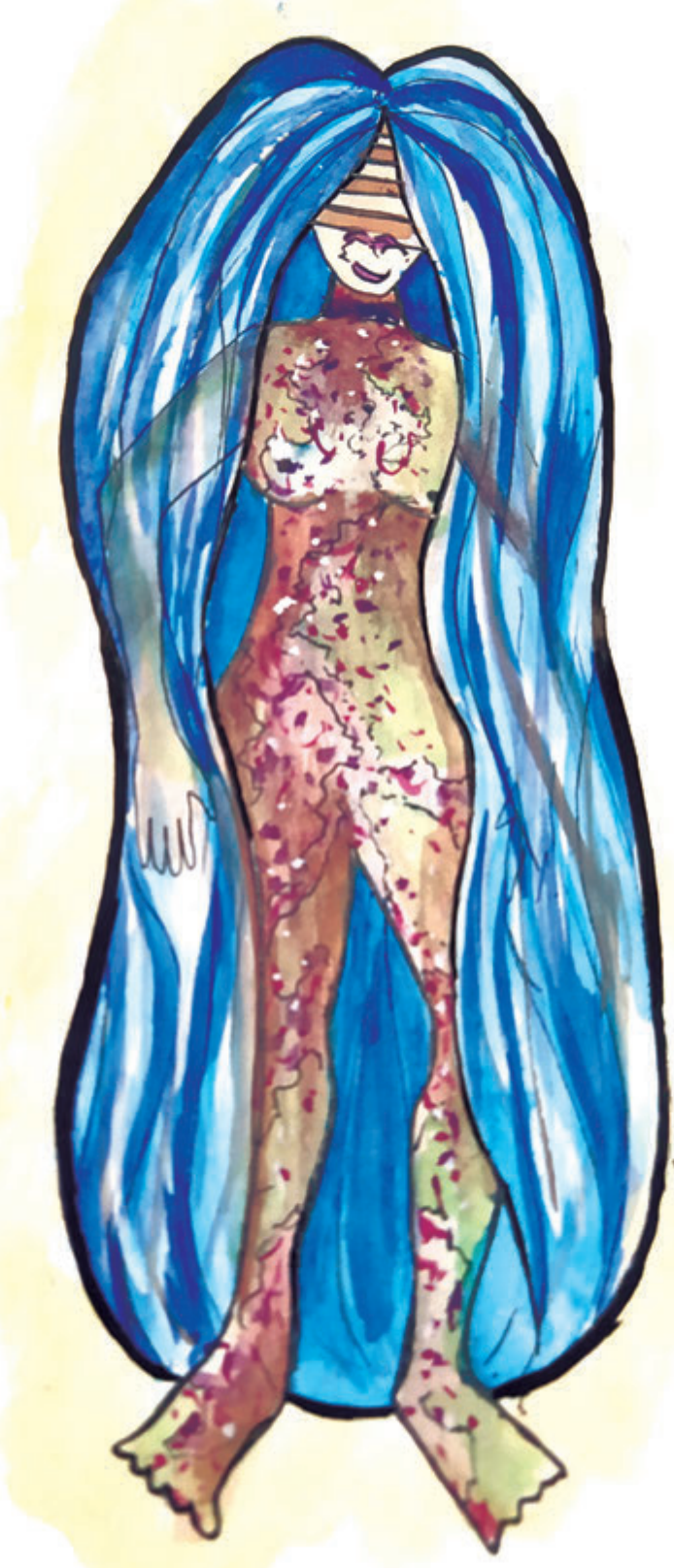
**(Pausa.)**

Ah, fiquei feliz de saber. Que tem alguém. O amor é como água da chuva. Alimenta.

**(Pausa.)**

O vazio? O vazio só me fez bem. O vazio me preencheu.

••••



croquis de nathália campos



# as sensações de um rio que corre dentro maria rosa

A pesquisa se deu em vários momentos. Para buscar a personificação, pensei antes no espaço mesmo do **Rio**. Ainda sem a dramaturgia, busquei referências e pensei nessa personificação de uma forma simbólica, tentando relacionar isso com o que a gente imaginava que poderia ser. Dentro desse contexto pandêmico, desse lugar das ruas vazias, pensar esse rio que está incorporado à cidade, mas de uma forma... desmantelada.

Quando o texto chega, traz consigo outras relações. Um pesar, uma culpa, mas também uma libertação: com as ruas vazias, o surgimento de um espaço de respiro pro rio. A não-presença humana potencializa a oxigenação do rio, dá vitalidade a esse espaço.

Então olhei muito para as camadas, o rio tem muitas camadas; em um, pode ser vários. Ele nasce em um lugar, permeia um grande trajeto, se conecta com outros, deságua, evapora, volta como chuva... essa relação cíclica é muito forte.

Quis buscar as potências na experimentação com a água e a partir disso pesquisar as sensações afloradas

em mim. Estou dentro de casa, pensando na cidade... e toda casa tem um rio dentro. Quando você abre uma torneira, é um rio, é água doce que está fluindo; fluindo dentro de casa.

A gente não vive sem água, mas a nossa relação com ela, enquanto ser humano, é muito tóxica. Isso vai reverberando na forma como a gente se relaciona com a natureza, com tudo. Uma relação de exploração. Pensando no personagem em si, ele assume esse lugar de que ele, ela, não sei, pra mim não teria gênero, ela se coloca nesse lugar de culpa - mas ela cresce, como o próprio texto aponta, e vai ocupando outros lugares.

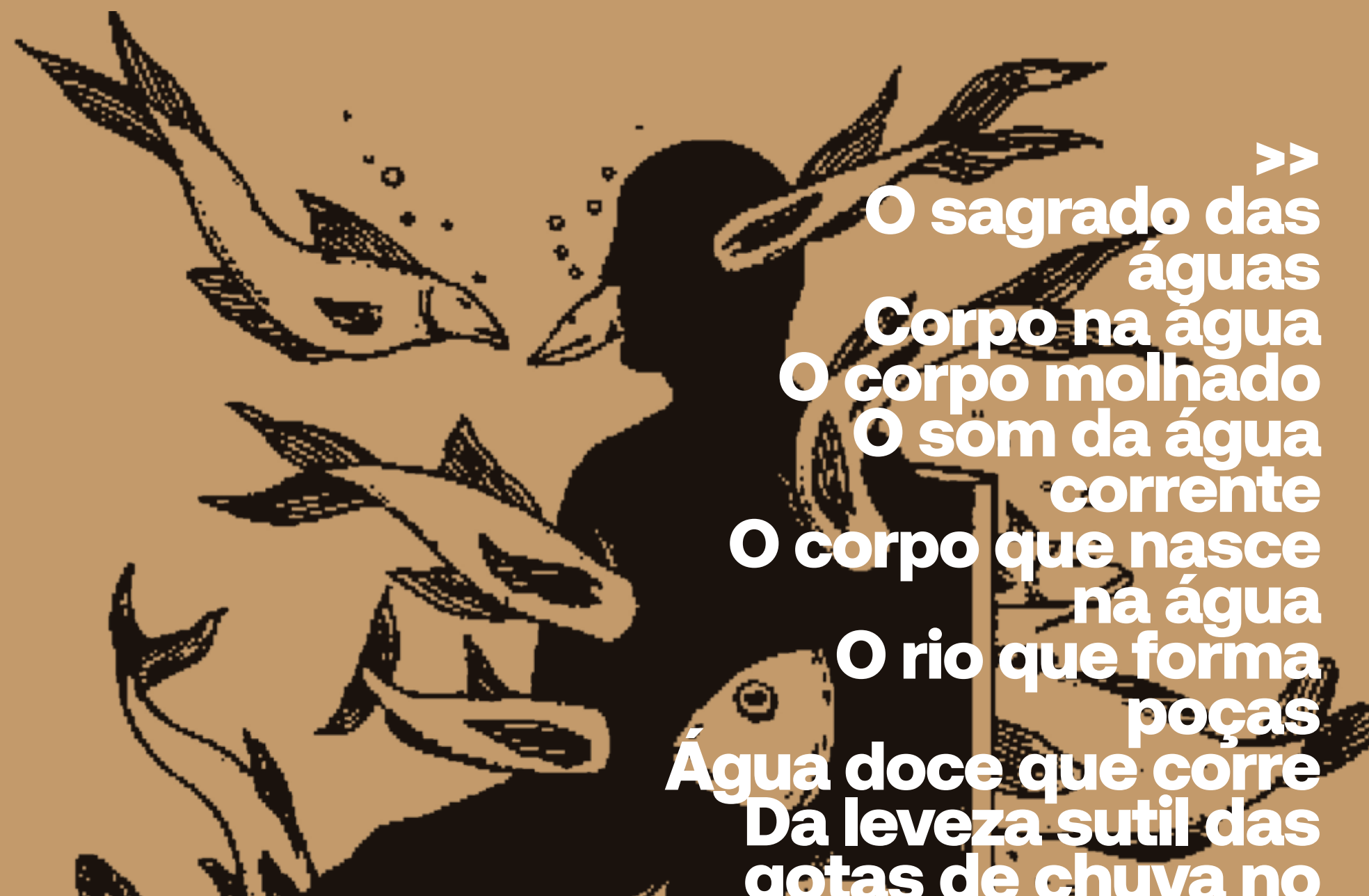
Entender as plataformas e seus dispositivos não é tão simples assim. Nem sempre conseguimos transpor a ideia para a prática e o tempo pode ser insuficiente para aprimorar o que é proposto. No processo do *Re'abitar*, fiquei muito focada na ideia de vivenciar as sensações. Isso permeou muito a minha pesquisa e reverberou nos compartilhamentos.

A relação dos rios... o nosso corpo é um rio. Ele tem que ter fluxo, ele não pode parar. A cidade é um rio. Ela tem que ter fluxo, constante, ela não pode parar. E o rio, que é vital para a nossa existência, a água, ela precisa ter um fluxo, mas não necessariamente ela tem dentro da cidade... ela é parada. Então as relações se invertem: a cidade tem fluxo e o rio está parado. Onde andam? Por onde... onde existem? Existem, de fato? Não sei...

Por este caminho fui tentando trabalhar a ideia do acontecimento; de como ele passa da tela e chega no outro. Trouxe a relação da memória de cada um e a experiência de tornar coletiva uma memória individual a partir do seu compartilhamento. Mergulhar nesses rios, provocar a reflexão.

Por fim, tentei investigar possibilidades de prolongar o experimento. Nesse contexto que surgiu o convite aos participantes de passar um determinado período sem beber água, uma proposta desconfortável até. Talvez eu pudesse ter conduzido de forma mais íntima esse momento do experimento. O desejo era de me conectar com cada pessoa, como na relação dos rios que vão se conectando ao longo de seu fluir. Um encontro de águas.

••••



**fomos conduzidos de olhos fechados pelas águas que fluem em rio-Maria. rio-corpo, rio-sangue; a memória e o curso das águas, a falta do rio e a necessidade do vazio. de olhos fechados o tempo se dilata e passeamos por nós-rios. ao fim, uma receita para o amanhã: um convite à ausência. ao conhecer-se da água pela sede. e o compartilhamento como desaguar. como foz.**

fragmento por amilton de azevedo

>>  
**O sagrado das águas**  
**Corpo na água**  
**O corpo molhado**  
**O som da água corrente**  
**O corpo que nasce na água**  
**O rio que forma poças**  
**Água doce que corre**  
**Da leveza sutil das gotas de chuva no rio à**  
**força da queda das águas na cachoeira**  
**Batismo**  
**Entidade das águas**  
**Oxum**  
**Mãe**  
**Águas do rio criadas pelo choro de Oxum**

<<



# MIRANTE

O  
SILÊNCIO  
DAS  
COISAS  
QUIETAS  


## MIRANTE\_dramaturgia

por cláudia barral + marcos barbosa

Como?

**(Pausa.)**

Eu vejo daqui. Sempre vi.

**(Pausa.)**

Ver é mais que enxergar. Enxergar, quase todo mundo enxerga, sem ver. Além do mais tem quem não enxergue e veja. Não é? Ninguém pensa muito nisso, mas tem. Eu vejo. Coisa minha. Qualidade minha, mérito meu. Eu me orgulho. Não conto vantagem por estar aqui, onde estou. Isso não fui eu quem conquistei, é uma coisa que me foi dada, mas é só a parte pequena de tudo. Agora, se eu sumir, se tudo em volta de mim mudar e eu desaparecer, vai sobrar o que de mim? A memória de alguém que viu.

**(Pausa.)**

Não sei dizer, assim, no exato. Não marco isso em relógio. Tempo a gente arruma. Tempo é a gente que faz. Até quando me perguntam assim "Você não tem mais nada pra fazer não?" Eu digo "Tenho. Tenho mais o que fazer, sim." Só que às vezes a pergunta é "Você não tem nada de melhor para fazer não?" Aí eu respondo que "Não. Melhor que isso, não." Não tenho, porque o resto que eu faço é a vida, normal, mas isso aqui é arte. É minha arte.

Quer ver?

Outro dia estava lá, naquele prédio ali, aquele lá, o de trás, estava lá um rapaz com um drone, sabe como é? Ele estava procurando o que? O que todo mundo procura. Gente pelada, gente brigando, gente chorando, comendo, trepando, morrendo. Tem arte nisso? Tem alguma arte nisso? Não tem. Isso, assim, é só o do enxergar, não é o do ver. Não é arte. É fofoca.

**(Pausa.)**

Fofoca é quando a gente vê só para depois sair dizendo por aí que viu. É sem mistério.

**(Pausa.)**

O rapaz do drone? Subiu até polícia na casa dele. Bateram na porta, ele abriu, assustado. Ele ia para a varanda, abria uma caixinha assim, soltava o drone, o drone voava ao redor dos prédios, parava na janela de um, na varanda de outro, subia, ia até a cobertura, descia até a altura do poste de luz, ia mais longe, descia em quintal, em jardim, pousava em caixa d'água, passava embaixo de viaduto, parecia que tinha sumido, voltava. Fez isso um dia, outro dia, virou um hábito, coisa assim, até monótona, sabe? Regular. Aí, sem que ele visse o romper da linha – porque isso é coisa muito difícil de se ver – o hábito virou um vício. A vizinhança, no começo, achou curioso, depois achou engraçado, depois achou melhor chamar a polícia. Subiram lá, dois policiais. Conversaram. Imagina aí, um drone na sua janela, de dia, de noite. Mais à noite. Ele disse que tinha autorização para pilotar. Era verdade. Disse que o drone não tinha câmera. Era mentira. Pediu desculpas, jurou que ia parar. Não parou. Parece que ele parou, mas não. Eu sei que ele não parou.

**(Pausa.)**

Eu sei porque eu vejo. Já ele acha que me vê. Ele sabe que eu sei. Por isso deu de achar que me conhece, mas não conhece. Acha que está num jogo meu e dele, mas não está. Num jogo de vigia, os dois têm que ver, mas ele enxerga sem ver e aí vai perdendo a graça. Para mim, pelo menos, perdeu a graça. É comum, acontece muito. Tem o espanto diante do que se vê, mas também tem o descaso e aí, nessa hora, o que foi visto também some.

Naquela janela ali, ó, a que tem uma cortina pesada na frente, a mais escura, ali mora um fotógrafo. Deve ter ficado uns dois meses ali, na janela, manhã, tarde, noite, madrugada. A parafernália dele crescia de um dia para o outro. No fim, era tanto tripé, tanta lente, tanta tralha, que parecia até que um astronauta. Depois, de repente, sumiu, mas quando achei que tinha isso tinha acabado, ele voltou pra varanda e começou tudo de novo: foto, foto, foto. Mil, dez mil, cem mil.

**(Pausa.)**

Ele montou uma exposição. Galeria e tudo, ganhou dinheiro com as fotos. Mas ele é só um acumulador. Acumulou dinheiro, imagens. Quis guardar o visto. Sabe essa ânsia de guardar, essa febre de dizer "eu tenho, eu tenho, é meu"? Isso aí já não chega a ser roubo, mas é demência.

**(Pausa.)**

Eu sou diferente desses. Por acaso eu tenho algum drone, teleobjetiva, binóculo? Tenho? O que eu tenho é esse lugar aqui. Eu sou aqui. Sou isso daqui. Quer procurar em volta, para ver seu eu guardo alguma coisa? Quer? Eu mostro. Se quiser chamar a polícia, fique à vontade.

**(Pausa.)**

Não. Tudo bem. Só disse porque. Disse para não deixar dúvida.

**(Pausa.)**

Não sei. Aliás, sei: a coisa mais bonita de se ver é alguém com fome de ver. Respondido?

**(Pausa.)**

Mais que isso? Ah, é difícil. Mais ainda? Deixa eu pensar... Já sei: alguém com fome de me ver.

**(Ri.)**

Já viu alguém assim, com fome de ver você? É quando um olhar atravessa o outro. É um brilho verde azulado, com um fundo amargo, rascante, tem cheiro de ninho de bicho. Faz uma pressão tão forte na nuca da gente que dói e abre uma porta muito difícil de fechar.

**(Pausa.)**

Quanto a isso, minha vida mudou muito pouco. É que eu já não sou de sair mesmo. Nunca fui. Eu fico aqui. Estou bem, aqui. Desde sempre. Já nasci assim, com tempo de gigante. Sabe como é tempo de gigante? Gigante é lento. Gigante não tem motivo para correr. Já viu alguma montanha com pressa?

**(Ri.)**

Agora, em volta de mim, aí, sim, mudou muita coisa. E eu vejo. Eu vejo tudo. Depois que se trancaram,

eles foram mudando. Uns, tão rápido que eu até me assustei. Outros, aos poucos. Outros resistindo, alegando força, alegando descaso, alegando fé. Tudo fingimento. Gente pelada, gente brigando, gente chorando, comendo, trepando, morrendo. Mudou tudo. Uma mudança doce, sabe? Uma mudança necrosada, feito uma trama fina de mudança, cortada, rebordada com um fio de desespero, um fio de lágrima, um fio de saudade, um fio de loucura...

Você consegue ver? A loucura do tempo?

**(Pausa.)**

Quando eu disse arte eu quis dizer arte mesmo. Para mim, ver é uma arte. Dá para ir galgando milagres na arte de ver. No começo é só um desvelar. A gente começa encontrando as coisas. E isso já traz uma felicidade muito grande porque o que a gente vê a gente salva. Salva do esquecimento, do desaparecimento. A gente resgata. Esse é o primeiro milagre e já é de uma força tão grande que é difícil de explicar. Aí, quem consegue ir mais à frente na arte começa a perceber que o ver molda. Quando isso acontece, o que é visto passa a ser o que é e mais. E o a mais é moldado no olho de quem vê. O olhar aumenta, diminui, reforma. O olhar talha. O olhar cunha a figura e o fundo. O olhar, às vezes, arrebenta.

**(Pausa.)**

O passo seguinte você talvez nem consiga imaginar, mas a verdade é que, quando a gente insiste na arte de ver, dá-se em algum momento um salto e a gente começa a ver o que ainda não há. Não é mais só um resgate, não é mais só uma forja, é quando passa a existir a coisa só porque a gente a viu. Antes, a coisa não havia, mas, porque eu a vi, ela passa a haver. Parece mentira, né? Eu sei. Eu sei, mas é assim mesmo.

**(Pausa.)**

Teve uma vez, agora, nem faz muito tempo, agora há pouco, depois que começou isso tudo. Dia normal, tudo normal, mas aí. Aí ela apareceu, de repente. Para mim, isso é raro, porque eu sou muito atento, mesmo quando eu durmo eu fico atento, mas, de repente, ela estava lá. Não porque eu tivesse desvelado coisa nenhuma porque eu já sabia que ela estava lá. E eu não mudei coisa nenhuma nela, porque nem tive

alma para isso, porque não dá para dizer que eu criei uma coisa, se a coisa já existia. O que aconteceu foi que, de um modo muito estranho, muito súbito, de repente, ela era outra. Outra. Completamente diferente. De repente, eu a vi assim, mudada, transformada e, nessa hora, eu quase fiquei cego.

**(Pausa.)**

"Ela." Preciso dizer mais? Você sabe.

**(Pausa.)**

Eu vi e fiquei preso. Eu estava preso nela de um jeito que eu não sabia. Sem poder suportar mais nada, sem me interessar por outra coisa que não fosse ela. Porque a mudança foi muito súbita, porque a mudança foi muito azada, porque escapou de mim porque de repente o que era "nunca mais" ganhou um contorno de "para sempre" e o que grassava lento voou em coisa ligeira e eu não consegui entender mais nada e não entender é uma forma muito triste de cegueira. Será que eu estava cego? Será que eu fiquei cego? Eu me perguntava olhando para ela através de um véu turvo, salgado. Será?

**(Pausa.)**

Estou bem. Estou bem, obrigado. Agora estou bem. Eu posso lhe pedir um favor? Talvez você pudesse falar com ela? Eu não costumo sair daqui, é difícil para mim, mas talvez você pudesse ir até lá e falar, assim, do que a gente conversou agora, sem dar muito detalhe...

**(Pausa.)**

Não sei. Coisa de momento, tinha que ver como, algum jeito. Não precisa falar de mim, diretamente, não é isso, era só, só pedir para ela olhar para cá. Olhar para mim, aqui, aqui em cima, onde eu estou. Se ela pudesse olhar para

mim, talvez rebrilhasse um verde azulado, amargo, rascante, cheirando a ninho de bicho. Talvez, nessa hora, a pressão, a dor me derrubasse e, na queda, talvez eu enfim conhecesse o milagre último da arte de ver. Existe um último. O que eu ainda não vi.

**(Pausa.)**

Que vazio?

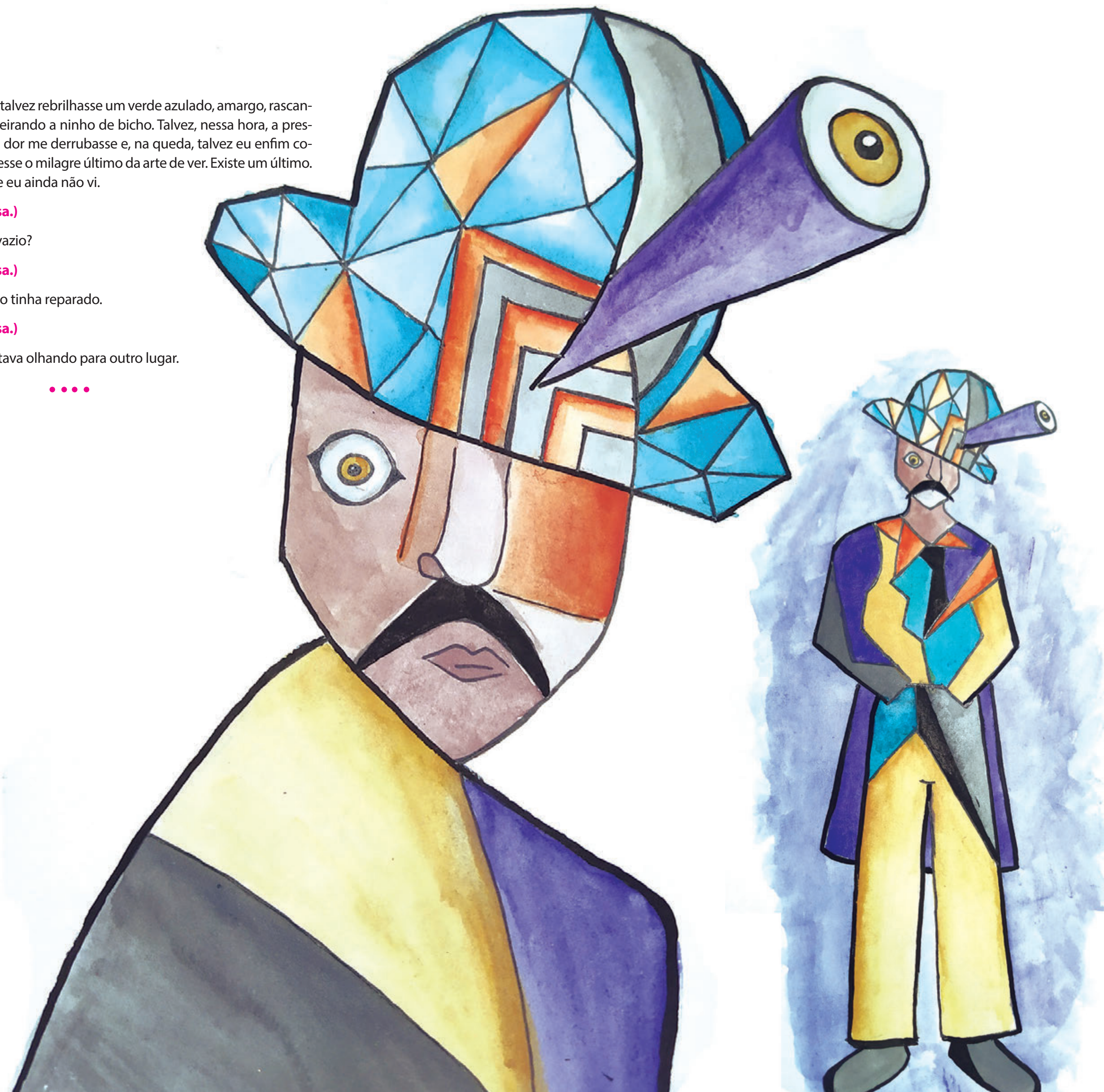
**(Pausa.)**

Eu não tinha reparado.

**(Pausa.)**

Eu estava olhando para outro lugar.

••••



# do \_mirante, ver além de enxergar anderson maurício

Dirigir, produzir, atuar; gestar uma expressão, um desejo, uma fagulha essencial para existir é o que vem sendo meu caminho. E agradeço, apesar de não ser fácil.

Sou diretor, mas, sempre e antes de tudo, sou artista - e não suporto a imagem de não poder atuar, de não experienciar o risco profano e sagrado de corporificar um ser, uma ideia, um gesto. Nesta vida de muitas funções até digo um *até logo*, mas nunca um *adeus*. Me descobri ator no mesmo dia em que me descobri gente, e sinto sempre uma falta danada de mim quando não estou atuando. O **Mirante**, personagem-espaco o qual fui convocado a dar corpo, voz e olhar, é um professor de missão, que veio me ensinar a arte de ver, para além de enxergar. O ver molda, cunha e talha nossa fome de olhar. Também cria, inventa onde não há nada; e vendo a coisa ela passa a existir. A partir do momento que se vê, ela passa *haver*. E para sempre haverá.

É bonito isso: eu sempre me apaixono pelos personagens, pelo que é, pelo que ele pode vir a ser, mas principalmente pelo que me ensina a ver, o amor, o espanto, uma dor, uma face ainda desconhecida por mim do humano. Me encontrei com o **Mirante** quando lembrei da imagem-ideia que vi na possibilidade do teatro no ônibus, da pesquisa cênica e contínua em torno deste espaço de democratização e de descentralização do acesso às artes. Essa imagem foi um nascer, um milagre. Penso que o milagre é uma oportunidade outra de vida, de ser.

Neste meu primeiro contato e experimento de aproximação com o personagem **Mirante**, busquei o poder da imaginação - não só dele, mas de qualquer ser humano. Fiquei instigado a explorar essa faculdade poderosa que possuímos. Olhei também para a intensidade da paixão que ele sente pelo feminino, pela natureza do **Rio** e sua capacidade de renascer que faz até mesmo o senhor da visão, mestre sábio da arte de ver, se perceber cego mesmo que ainda enxergando. Pois ele não vê o vazio deste tempo. O mesmo vazio que transforma o **Rio** passa, para ele, despercebido. Ele não sabe do vazio e como ele mesmo diz, *não saber é uma forma muito triste de cegueira*.

Foi interessante o exercício de usar apenas o áudio para aguçar a criação de imagens sem apresentá-las diretamente e, através do som, proporcionar uma experiência de deslocamento, de inventividade ao público. Recebemos diariamente dezenas de áudios pelo WhatsApp que não nos propiciam mergulhos em nós mesmos ou nos outros que nos falam.

Por meio da arte, é possível ressignificar a utilização deste aplicativo de comunicação. Na pesquisa do *Re'abitar*, somando minha interpretação à dramaturgia e ao estudo, composição e criação sonora com o diretor musical Gregory Slivar, pudemos transportar o outro e fazê-lo ver de olhos fechados. Minha expressão foi desenvolvida em duas etapas: a primeira foi um áudio; a segunda, o mesmo áudio agora acompanhado de um vídeo. Dois momentos que proporcionam experiências distintas; ambas surpreendentes na arte de ver e sentir.



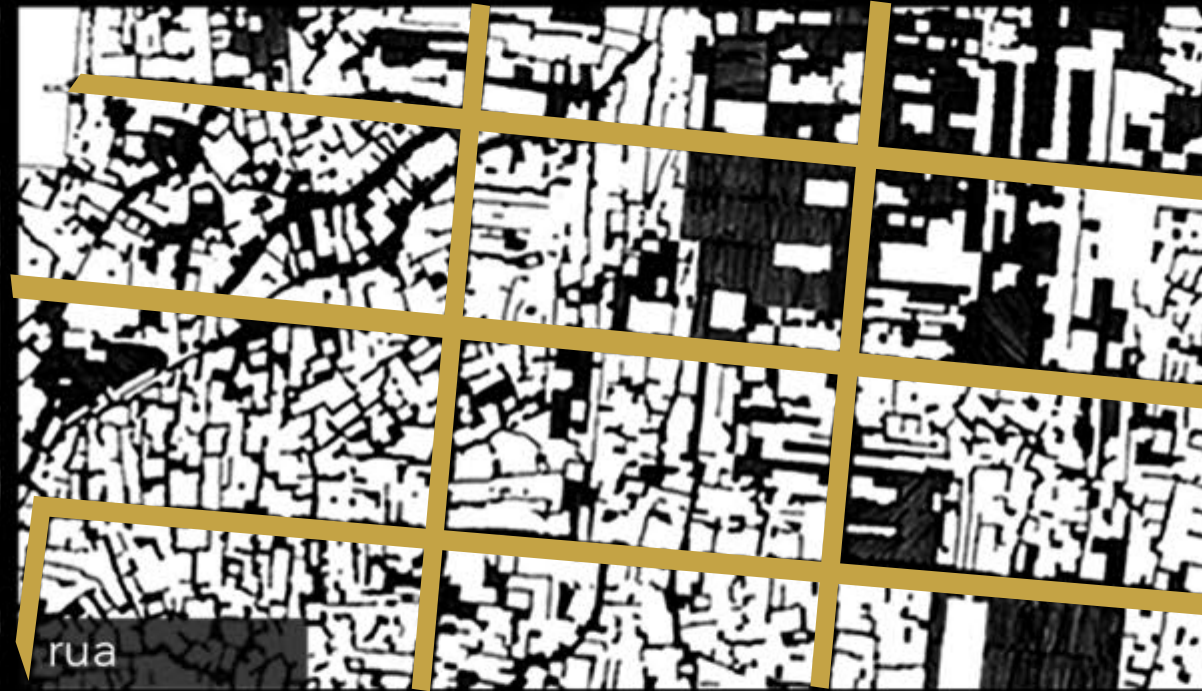
>>  
**Substantivo Masculino  
Local elevado de onde  
se descortina um  
panorama.  
Os olhos.  
Sinônimos:  
Belver, Belveder,  
Belvedere, mirado,  
miradouro, terraço,  
eirado, terrado,  
terreiro, observatório,  
plataforma.**  
<<

**um mirante que propõe os caminhos do ver muito além do enxergar. que passeia por imagens já impregnadas em nós mas ambiciona criar outras a partir das mesmas. uma paisagem nunca se mantém igual para além de um instante. o mirante-Anderson, diretor da Zózima Trupe, que a todo tempo tanto vê, e o quanto quer ver além do que se vê, neste olhar a perder de vista chega até mesmo a não ver o vazio. depois, o mirante-Anderson também nos dá imagens e o mesmo texto multiplica-se em sentidos. um ouvir que não se fecha nas imagens; um ver que não contradiz o imaginado.**

fragmento por amilton de azevedo



teatro



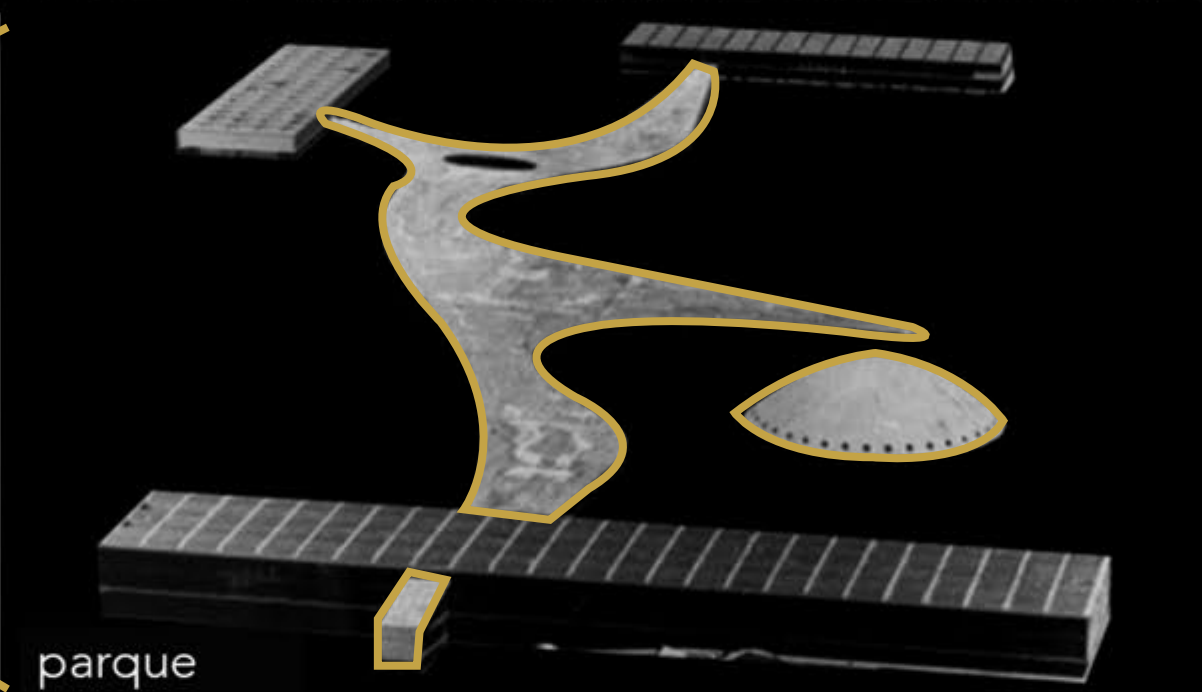
rua



rio



mirante



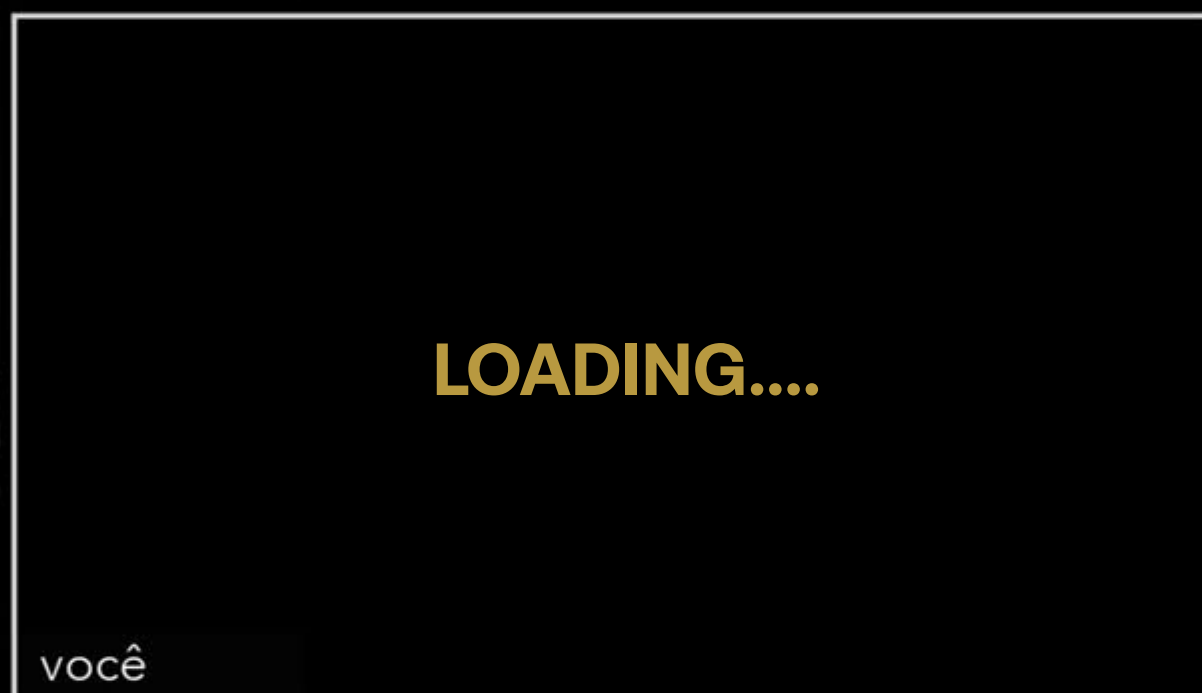
parque



igreja



bar



você

# O ônibus nunca parou

anderson maurício +  
amilton de azevedo

Talvez vida e morte sejam gêmeas univitelinas. Irmãs idênticas, que só quem as conhece muito bem consegue discernir - e mesmo assim é constantemente surpreendido pela semelhança. A sensação é que nestes últimos tempos não estamos vivendo, mas sim morrendo. É a outra atriz que nos pega pela mão e nos conduz por seu drama, um outro drama. Seu rosto e tamanho são os mesmos, mas seu tom de voz, suas palavras, seus gestos: a cena é outra, como num truque muito bem feito.

É ainda o mesmo lugar, o mesmo teatro, o mesmo cenário, o mesmo mundo ao nosso redor. De repente, o pressentimento de que algo diferente se apresenta. Entra em cena também a vida. O chão desaparece e surge um riso-espanto-êxtase em todos nós, pegos de surpresa: tudo acontece bem diante de nossos olhos e não percebemos. Só damos conta disso quando vemos as duas atrizes juntas. São duas. Não estávamos todos nós ali para isso mesmo? Para a arte? Para a vida que só existe frente à morte?

Na *Atenas contemporânea*, os transportes coletivos se chamam *methaphorai*. Para ir para o trabalho ou voltar para casa, toma-se uma '*metáfora*' - um ônibus ou um trem, escreveu Michel de Certeau em seu livro *A Invenção do Cotidiano*. Aqui, tentamos construir este ônibus-metáfora, embarcar juntos numa viagem-caminho a ser descoberta que nos ajude a dar conta dos

tempos que correm. Do nosso susto diante da pandemia, do caos, das portas fechadas, das recusas, das privações, do fim. Talvez do começo. Não seriam irmãos inseparáveis, também, o fim e o começo?

Filhos ambos da mudança. Tudo vem sendo tão diferente. É isso. Acreditamos que tudo seja fruto da mudança, ela, a mãe que dá à luz criaturas tão diferentemente parecidas. Que gesta mundos eternamente inacabados, que se movem pois vivos e por saber que a morte caminha perto. Entender a impermanência das coisas é precisamente não aceitar menos do que a existência pode ser. *Gente é pra brilhar*, nos lembra a poesia.

A arte está também nessa prole infinda da mudança. Inquieta, rebelde, bela, dolorosa: ser artista é viver e padecer em muitos mundos. Inclusive no real. Fazer teatro em nosso país nunca foi e sentimos que nunca será coisa fácil. Nesses últimos tempos, vem sendo ainda mais complicado. A Zózima Trupe é um grupo de teatro de pesquisa que escolheu o ônibus urbano como espaço cênico, na tentativa permanente de resignificar esse *não-lugar* a serviço do capital. A busca pelo teatro do encontro sem fronteiras dentro do transporte coletivo carrega consigo diversos desafios. É um lugar de superação, assim como é ser um sujeito periférico em uma grande metrópole, assim como é ser artista no Brasil.

O que fazer diante da morte? Diante do vírus e dos gestores da crise, diante de genocidas, destruidores de ecossistemas e também do imaginário? Podemos chorar. Dizer que é mentira, buscar os responsáveis. Perceber o quanto era bonito viver e chorar ainda mais. Questionar o mundo. Achar que tudo acabou. Dormir, acordar, continuar na cama, levantar e procurar amigos, receber consolo. Aguardar o tempo. Olhar as fotos. Cair em si, chorar de novo e agradecer pelo que foi vivido. Se ver no espelho e buscar no mesmo rosto uma outra face para continuar.

Foi o que fizemos. Nos permitimos sofrer. Depois, buscamos recomeçar. *Re'abitar*: habitar novamente a necessidade de expressar o que estávamos sentindo. *Re'abitar* nosso caminho, olhar para nosso ônibus, para nossos feitos e anseios, perguntar a nós mesmos o que nos cabia dizer. Descobrir o que só nós, da Zózima Trupe, poderíamos dizer com o nosso ônibus; algo que revelasse a alma de nossa pesquisa, *re'abitar* as imagens tantas de toda uma trajetória dedicada ao espaço do ônibus como pouso para a resignificação da vida, do transporte, do encontro. Buscar algo que pudesse versar sobre esse momento histórico-mundial que ninguém imaginava viver. Imaginar; a imaginação sempre foi nosso respiro. Gaston Bachelard escreveu que *imaginar é subir um tom na realidade*. Então imaginamos nosso ônibus vazio, sem motorista, como um fantasma solitário buscando as razões de ser, procurando respostas.

Andando pela cidade e observando os teatros, as ruas, as praças, os parques, os bares, o sambódromo, os estádios, as igrejas, os rios, todas e todos vazios... e então surge a questão: *o que eles poderiam nos dizer sobre essa falta?* Sobre a ausência? A cidade é um sonho concreto e coletivo da sociedade que lhe habita. Forças que, consciente e inconscientemente forjam seus traços, sombras, relevos, texturas; seus cheiros, opressões e liberdades. É um desenho humano. Nossa face outra em uma gigante escultura, em um túmulo-labirinto. Será que, ao olharmos para a cidade, podemos saber um pouco mais sobre nós mesmos? Ainda: ao sabermos mais sobre nós mesmos, podemos resignificar os espaços da cidade?

Em São Paulo, o ônibus nunca parou. Muitos trabalhadores são essenciais para a sociedade. Quase todos os trabalhos são essenciais para o trabalhador. O ônibus nunca parou por conta de diversas necessidades. A maioria delas atreladas à desigualdade do capital. Quantos sujeitos periféricos se viram obrigados a seguir em suas odisséias cotidianas, mesmo aquelas e aqueles que não trabalham na área da saúde?

Enquanto isso, nós, trabalhadores da cultura, nos deparamos subitamente com o fechamento de nossos

espaços de ação. A aglomeração, tão desagradável no transporte público e tão almejada nos teatros e centros culturais, agora é marca de um contágio indesejado. Não mais o contágio da poesia, do atravessamento da arte e da alteridade, mas o da doença. Como fazer teatro? Como seguir trabalhando nessa arte que promove fundamentalmente o encontro de mentes, almas, corpos?

Nosso ofício é nossa subsistência, mas não é só isso que está em jogo. O processo do *Re'abitar* também serviu para manter nosso ônibus-metáfora em movimento. Exatamente porque o ônibus nunca parou. Em um momento tão definitivo para a cidade, o país, o planeta, reafirmamos aqui a importância da arte enquanto campo semeador de possíveis. Do artista como aquele que imagina futuros, como cidadão do tempo presente que escuta o mundo. Que gesta encontros e criações.

Entendemos que nem todo artista é capaz de se expressar neste contexto. Seja por escolha, por razões políticas, estéticas, técnicas ou emocionais; seja qual for o motivo, não está fácil. Mas estamos aqui, tateando a vida em meio à morte. *Re'abitando* o luto, a luta, a resistência e a existência. Sentimos que diante da morte reconhecemos a vida. Torcemos para que estes tempos difíceis sirvam também para uma conscientização mais ampla acerca do reconhecimento da arte, da cultura e da educação como alma-espírito de nossa sociedade.

O movimento que carrega consigo mudanças e transformações é uma convocação ao agir poético. Nem tudo é beleza, mas a arte também é dor, é lida com o sofrimento. É o lapidar da sensibilidade tornada expressão. Pois outra coisa muito difícil neste mundo que vivemos é ser o que nascemos para ser, em sua total singularidade. Nossa subjetividade é constantemente tentada a adequar-se, render-se ao que já é, em busca de aceitação. Não é fácil ser.

Mergulhar neste processo aberto de criação é renegociar a exposição e o risco inerentes ao fazer artístico. É

caminhar de mãos dadas com outros irmãos gêmeos univitelinos: o sucesso e o fracasso. Estes, aliás, gostam de nos enganar. Por vezes, demora muito tempo até percebermos que estamos abraçando um e não o outro. Eles se disfarçam. Talvez o segredo seja seguir brincando com ambos, sem se importar muito com quem é o gêmeo da vez.

No nosso ônibus que nunca para, aos poucos elaboramos uma *cartografia imaginada* da cidade que construímos, cujos espaços vazios e seus silêncios que tanto dizem revelam muito sobre nós. Seguimos irmanados ao nosso propósito primeiro, enquanto Zózima Trupe, de trabalhar na direção de um teatro do encontro sem fronteiras. Da forma que for possível. Fizemos do acontecimento mediado um compartilhamento do imaginário. Brindamos à distância, dirigimos por ruas na China, sentimos a melancolia do não-pertencimento, visitamos nossos templos e rios internos, vimos além de enxergar e percebemos o quanto o teatro já nos disse.

Sabemos o quanto o teatro nos diz, nos conta, nos canta, nos alimenta. Mas lembrar nunca é demais. Ouvir as coisas quietas. Fizemos teatro? Podem dizer que não. Esse grande debate corrente sobre o que é ou não teatro é importante, sim. Mas também pouco nos importa. Chegamos ao fim desta etapa do *Re'abitar* - pois, sim, queremos seguir, queremos ganhar as ruas, os ônibus, os olhares - e medir isso em fracassos e sucessos é querer separar irmãos que gostam de brincar juntos. Só carregamos uma certeza: a de que fizemos (e inventamos) o possível para esse agora.

....

**Por fim,  
só nos resta  
agradecer a  
todas as  
pessoas  
que  
colaboraram  
no traçado  
intangível  
desta  
cartografia.**

....

CEP	
02728-100	09172-180
04215-020	22763-197
05009-000	11060-430
01228-100	05594-000
08485-520	03210-000
05016-081	13212-448
19200-000	63210-000
87055-620	08132-480
04249-130	53170-285
01136-000	05417-030
09782-050	03164-200
02969-000	03124-050
13405-430	01226-010
09781-260	19025-300
22450-270	09250-030
36280-000	09520-120
36025-001	08554-200
01201-060	05005-030
11705-500	09561-001
09185-400	60060-295
69094-180	01046-010
04106-061	05588-000
09521-330	03659-080
03895-010	01423-001
08061-240	08320-450
02925-160	05029-020
08090-000	05417-050
52070-000	08190-440
	04045-003





[youtube.com/user/sinhazozimaoficial](https://www.youtube.com/user/sinhazozimaoficial)  
[facebook.com/zozimatrupo/](https://www.facebook.com/zozimatrupo/)  
[instagram.com/zozimatrupo](https://www.instagram.com/zozimatrupo)  
[www.zozimatrupo.com.br](http://www.zozimatrupo.com.br)



[youtube.com/user/sinhazozimaoficial](https://www.youtube.com/user/sinhazozimaoficial)  
[facebook.com/zozimatrupo/](https://www.facebook.com/zozimatrupo/)  
[instagram.com/zozimatrupo](https://www.instagram.com/zozimatrupo)  
[www.zozimatrupo.com.br](http://www.zozimatrupo.com.br)